



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIRB – ALAGOINHAS

BACHARELADO EM PSICOLOGIA

BEATRIZ DE CARVALHO BARBOSA

**O IDOSO ENLUTADO PELA MORTE DO CÔNJUGE E AS CONTRIBUIÇÕES DA
GESTALT-TERAPIA**

Alagoinhas – BA

2022

BEATRIZ DE CARVALHO BARBOSA

**O IDOSO ENLUTADO PELA MORTE DO CÔNJUGE E AS CONTRIBUIÇÕES DA
GESTALT-TERAPIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Psicologia do curso
de Psicologia, do Centro Universitário UNIRB
– Alagoinhas.

Orientadora: Profa. Dra. Jandira Dantas dos
Santos.

Alagoinhas – BA

2022

BIBLIOTECA ZUZA PEREIRA / FACULDADE REGIONAL DE ALAGOINHAS– UNIRB

BARBOSA, Beatriz de Carvalho

O idoso enlutado pela morte do cônjuge e as contribuições da Gestalt-terapia / Beatriz de Carvalho Barbosa. _Alagoinhas, 2022. 58f.

Monografia (Graduação) Curso de Bacharelado em Psicologia –
Faculdade Regional de Alagoinhas - UNIRB

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jandira Dantas dos Santos.

1. Luto na velhice. 2. Gestalt-terapia. 3. Fenomenologia. I. Título.

CDD 150

BEATRIZ DE CARVALHO BARBOSA

**O IDOSO ENLUTADO PELA MORTE DO CÔNJUGE E AS CONTRIBUIÇÕES DA
GESTALT-TERAPIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito para obtenção de título de Bacharel em Psicologia do curso de Psicologia, do Centro Universitário de Alagoinhas – UNIRB.

Data de Aprovação

30/06/2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jandira Dantas dos Santos (Orientadora)
Centro Universitário UNIRB – Alagoinhas

Edilaine Santos Silva - Psicóloga
Centro Universitário de Alagoinhas – UNIRB

Neilma Arruda – Gerontóloga
Centro Universitário de Alagoinhas – UNIRB

Dedico esse trabalho em memória a
minha avó Anésia Santana e meu avô
Hermanegidio Barros por me apresentar a
importância do amor e da simplicidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela benção da minha chegada até aqui. Ao mostrar em seus ensinamentos como persistir, ao ter amor, compaixão, esperança e fé. À minha mãe, por ser uma mãe incrível e sempre estar ao meu lado, ofertando todo apoio e motivação. Por ter me mostrado que valia a pena acreditar e construir o caminho para conquistar meu sonho. E por não ter me deixado desistir quando ocorreu o início da pandemia da COVID-19. Sem a ela o início e o caminho inteiro para alcançar a minha conclusão de curso não teria sido possível; assim, como a maioria das minhas conquistas.

A Irandi Lins e minha tia Maria Conceição. Vocês exerceram durante toda minha trajetória, e exercem, um papel fundamental. Quando penso em amor, família, em um porto seguro, penso em vocês. Estiveram a todo instante vibrando, rindo, chorando, enfim, compartilhando momentos comigo, mesmo longe fisicamente, e sempre acreditando em minha capacidade.

Aos meus amigos de vida, meus familiares, que se mantiveram presentes dando força e apoio as minhas escolhas, comemorando e vibrando comigo a cada parte da minha trajetória acadêmica. E aos meus companheiros de estrada, que juntos nos mantivemos firmes ajudando um ao outro, mesmo enfrentando carro quebrado no meio da madrugada, perigos e acidentes. Conseguimos chegar até aqui!

Aos meus amigos, discentes do curso de Psicologia, que durante esses cinco anos compartilharam comigo suas histórias e experiências, em especial a Fábio Palmeira, por me socorrer sempre que gritei, e ao meu grupo Fernanda Fernandes, Atus Nadabe, Jaqueline Simões e Vanessa Damascena, vocês tornaram essa jornada mais leve.

Aos meus queridos Docentes, que durante toda essa jornada acadêmica contribuíram para a minha formação, mostrando o caminho para os alunos se fortalecerem academicamente e se tornarem Profissionais da Psicologia, éticos e humanos, em especial Moises Aguiar Filho, por seu brilhantismo e contribuição para minha escolha em cursar psicologia, e Lucas Teixeira Costa, por me apresentar de forma genuína a Gestalt-terapia e ofertar em suas aulas excelentes experiências.

A minha orientadora Jandira Dantas dos Santos, excelente docente e Psicóloga. Foi um prazer ser orientada pela senhora, além de ter contribuído em minha formação pela excelência de ensinar, me orientou de forma objetiva.

“Mas o que é o luto, se não o amor que perdura?”

(WandaVision)

RESUMO

O tema do presente trabalho é o processo do Luto na Perda do Cônjuge em clientes idosos pela perspectiva da Gestalt-terapia. O estudo aborda o seguinte problema: como se desenvolve o processo do luto sob a ótica da Gestalt-terapia em clientes idosos que passaram pela perda do cônjuge? O objetivo geral é compreender a importância da abordagem da Gestalt-terapia, dentro do âmbito terapêutico, no cuidado e acolhimento ao idoso enlutado pela perda do cônjuge. Como objetivos específicos, trazidos para que se possa chegar à meta geral, são os seguintes: descrever o luto na velhice pela perspectiva da fenomenologia e pelo existencialismo; identificar o processo de elaboração do luto na perda do cônjuge em clientes idosos; e, por fim, analisar a importância da Gestalt-terapia na relação terapêutica com idosos que sofreram a perda do cônjuge. A metodologia empregada consiste do método Fenomenológico, com uma abordagem Indutiva e uma pesquisa qualitativa exploratória. As coletas de dados se deram a partir de sites como Scielo (Scientific Electronic Library Online) e Pepsic (Periódicos em Psicologia), incluindo também o Google Acadêmico e livros. Como resultado da pesquisa, conclui-se que o cuidado ao luto desencadeado pela perda do cônjuge, dado no momento da velhice, se mostra necessário, e quando trabalhado no âmbito terapêutico, a abordagem da Gestalt-terapia se faz eficaz, especificamente com a utilização das bases teóricas da fenomenologia e do existencialismo e por seu aspecto dialógico.

Palavras-chave: luto na velhice; gestalt-terapia; fenomenologia; existencialismo.

ABSTRACT

The theme of the present work is the mourning process in the loss of a spouse in elderly clients from the Gestalt-therapy perspective. The study addresses the following problem: how does the mourning process take place from the Gestalt-therapy perspective in elderly clients who have experienced the loss of a spouse? The general objective is to understand the importance of the Gestalt-therapy approach, within the therapeutic context, in the care and welcoming of the elderly bereaved by the loss of a spouse. As specific objectives, in order to reach the general goal, are the following: to describe mourning in old age from the perspective of phenomenology and existentialism; to identify the process of mourning elaboration in the loss of a spouse in elderly clients; and, finally, to analyze the importance of Gestalt-therapy in the therapeutic relationship with elderly people who suffered the loss of a spouse. The methodology employed consists of the Phenomenological method, with an Inductive approach and exploratory qualitative research. The data collection was based on websites such as Scielo (Scientific Electronic Library Online) and Psyc (Periodicals in Psychology), including also Google Scholar and books. As a result of the research, it was concluded that the care for the grief triggered by the loss of the spouse, given the time of old age, shows to be necessary, and when worked in the therapeutic context, the Gestalt therapy approach is effective, specifically with the use of the theoretical frameworks of phenomenology and existentialism and for its dialogical aspect.

Keywords: mourning in old age; gestalt-therapy; phenomenology; existentialism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OMS – Organização Mundial da Saúde

GT – Gestalt Terapia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 IDOSO ENLUTADO PELO OLHAR DA FENOMENOLOGIA E DO EXISTENCIALISMO	14
2.1 O IDOSO ENLUTADO: SER-PARA-A-MORTE	18
2.2 O IDOSO ENLUTADO: PERDA DA RELAÇÃO EU-TU	20
3 ELABORAÇÃO DO LUTO: VIUEZ NA VELHICE.....	23
3.1 LUTO NA SENESCÊNCIA.....	30
3.2 PARADIGMAS NA VELHICE.....	33
4 A GESTALT-TERAPIA E SUA IMPORTÂNCIA DENTRO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA COM IDOSOS ENLUTADOS PELA PERDA DO CÔNJUGE	35
4.1 GESTALT TERAPIA E SEUS PRINCIPAIS CONCEITOS.....	36
4.2 CONTRIBUIÇÕES DO GESTALT-TERAPEUTA NO TRATAMENTO A IDOSOS ENLUTADOS PELA PERDA DO CÔNJUGE	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO.

O tema do presente trabalho é o processo do Luto na Perda do Cônjuge, delimitou-se a obter informações voltadas para clientes idosos pela perspectiva da Gestalt-terapia. A morte faz parte do ciclo vital de cada sujeito, trata-se de uma experiência singular para cada indivíduo, não há escapatória (SANTOS; HORÁCIO, 2020, p. 3). É definida a partir da subjetividade e permeia o universo do indivíduo apresentando alguns sentimentos como tristezas e medos. É por ele que é desencadeado o luto, pois ao se deparar com a morte de uma pessoa próxima, tornasse manifesto a consciência a probabilidade do próprio fim, por isso, muitas vezes passa a ser mais temida do que a própria morte (SOUSA, 2016, p. 255).

Santos (2020, p. 70) aponta que, na perspectiva da Gestalt-terapia, o luto é visto como um processo e não como um estado. É no desenvolver de como o sujeito se vê e vê o outro, dada pela percepção mediante a própria história de vida, que o processo do luto é assimilado.

À vista dessa proposta de pesquisa, pode-se defender a percepção e assimilação do luto mediante a singularidade e subjetividade de cada indivíduo, voltando seu foco de investigação para o idoso enlutado pela perda do cônjuge. Haja vista que o momento de senescência é marcado pelo paradigma da aproximação com a morte. Como também descrever, dentro do campo existencial do sujeito, como a relação terapêutica exerce um papel de ajuda e cuidado, pelo viés da abordagem da Gestalt-terapia.

O envelhecimento apresenta não somente a história física, definida por enfraquecimento no funcionamento corporal, como também estereótipos, principalmente no que concerne a ligação com a morte e a perda de entes queridos, em específico o cônjuge. Dessa forma, este trabalho irá contribuir para área da psicologia, explicitando o cuidado ao idoso em processo de viuvez dentro do ambiente clínico.

A finalidade desse estudo é a investigação do seguinte problema: como se desenvolve o processo do luto sob a ótica da Gestalt-terapia em clientes idosos que passaram pela perda do cônjuge? Faz-se necessária a definição do que significa a perda de alguém próximo. Quintas (2016, p.106) define a morte de um ente querido como sendo, para aqueles que ficam, situação causadora de sofrimento, que muito

possivelmente desencadeará uma reação emocional diante a perda, podendo manifestar-se de diversas maneiras. Essas reações perante dita perda, podem ser pontuadas como tristezas, afastamento, dor, angústia, como também sintomas físicos. Esta mesma autora ainda ressalta que tais sofrimentos e inquietações podem ocorrer como um simples pesar ou se intensificar até o luto.

Dessa forma, apresentar uma investigação voltada para o cuidado ao idoso enlutado dentro do âmbito terapêutico requer uma linha de conhecimento científico técnico, afim de embasar sua prática e apresentar métodos contribuinte e eficaz. O que torna possível apontar a seguinte hipótese básica: a Gestalt-terapia é uma abordagem cujo método e visão contribui para o tratamento com idosos enlutados pela perda do cônjuge.

O objetivo geral é compreender a importância da abordagem da Gestalt-terapia, dentro âmbito terapêutico, no cuidado e acolhimento ao idoso enlutado pela perda do cônjuge. Se propondo a analisar o luto não como um momento cujo desenvolver é dado de forma definitiva e sim como um processo, onde o tempo e forma de assimilação se dá de modo subjetivo e singular.

Os objetivos específicos serão abordados, na devida ordem dos capítulos 2, 3 e 4. O primeiro objetivo específico se delimita a descrever o luto na velhice pela perspectiva da fenomenologia e pelo existencialismo. Santos (2017, p. 28) discorre que “a fenomenologia é um método criado por Edmund Husserl que sustenta uma ciência e a proposta para a investigação de conhecimento pela articulação da objetividade e subjetividade”. É a partir da descrição do fenômeno, do que torna-se manifesto e surge a consciência, que a fenomenologia visa seu objeto de estudo. No existencialismo o homem opta por criar seu ser no mundo e é, dessa maneira, responsável por suas escolhas (SANTOS, 2017, p. 29).

No segundo objetivo específico, que será abordado no capítulo 3, tratará de identificar o processo de elaboração do luto na perda do cônjuge em clientes idosos. O luto se estabelece à medida que uma pessoa, família e/ou comunidade se deparam com a morte ou rompimento da relação de um ente querido, ou até mesmo algo significativo (LUNA, 2020, p.1). Mesmo que o acontecimento da morte seja natural ao ser humano, é evidente que não há preparação ou meios, os quais visem evitar tal sofrimento. Ao acontecer com o cônjuge o indivíduo se depara com interrupção da rotina, ausência da pessoa querida, e a interrogação de como continuar. Silva e

Ferreira-Alves (2012, p. 588) apontam que, aparentemente, é adicionado complexidade e dificuldade na vivência do idoso ao se deparar com a viuvez, por conta dos novos problemas que deve enfrentar e lidar.

Já o terceiro objetivo específico será tratado no capítulo 4, onde visa analisar a importância da Gestalt-terapia na relação terapêutica com idosos que sofreram a perda do cônjuge. Algumas pessoas tentam se distrair, por consequência, evitar o contato com a experiência dolorosa, negam a possibilidade de arriscar-se, não contatam os sentimentos, deixando de experimentá-los em sua totalidade (SOUSA, 2016, p. 266). Com isso, a Gestalt-terapia atua contribuindo para que o paciente se conscientize a respeito do próprio sofrimento, e assim consiga descobrir o melhor caminho, afim da diminuição desse sofrimento (MARTINS; LIMA, 2014, p. 32).

A metodologia aqui empregada consiste do método Fenomenológico, com uma abordagem Indutiva e uma pesquisa qualitativa exploratória. As coletas de dados se deram a partir de sites como Scielo (Scientific Eletronic Library Online) e Pepsic (Periódicos em Psicologia), incluindo também o Google Acadêmico e livros. Entre os critérios de inclusão e os critérios de exclusão, foram selecionados os artigos e trabalhos relacionados ao tema, apresentados pela língua portuguesa, não utilizando trabalhos da língua inglesa devido ao encontro de materiais.

2 IDOSO ENLUTADO PELO OLHAR DA FENOMENOLOGIA E DO EXISTENCIALISMO.

O ser humano, no decorrer de sua existência sofre interferência de vários fenômenos e fatos em seu ciclo vital (GONÇALVES et al, 2020, p. 647). O seu ciclo vital é determinado logo no iniciar que percorrerá um meio e se chegará a um final, a morte. Viver com essa certeza traz à tona que, não somente chegará o dia da própria morte, como também haverá perdas de pessoas, principalmente as mais próximas. E estar diante de tais afirmações não, necessariamente, significam estar preparado para elas.

Freitas (2013, p. 98) aponta que “o luto vivido em decorrência da morte de um ente querido não é somente uma experiência dura e profunda de perda, mas também a evocação de nossa condição mortal”. Tal percepção na sociedade é, por muitas vezes, colocada em padrões de temporariedade, impondo dias para uma recuperação, não levando em consideração as questões existenciais de cada sujeito, como a transitoriedade da vida, a efemeridade e a angústia, específicos ao processo da morte e do morrer, como afirma este mesmo autor. Para o idoso, que passa por dita perda, não é diferente. Não obstante, o idoso, por estar em uma fase conhecida como a mais próxima do fim, se percebe a partir de perdas, tanto de suas capacidades, quanto de pessoas próximas, e confronta a atual fase psicossocial do envelhecimento (MENEZES, LOPES, 2013, p. 3310).

Refletir sobre o processo de enlutamento em uma perspectiva fenomenológica e existencial é trazer à tona um sujeito em toda sua existência, em seu Ser. Levando assim, em consideração o que Freitas (2013, p. 99) relata ao dizer que “todas as relações significativas estão sujeitas ao luto”, destacando ainda que na relação direta com o outro nosso sentido existencial é ligado ao fato de como é dada essa relação com o outro e também do que podemos ser nessa relação. Cabe, dessa forma, a esse capítulo falar um pouco sobre a fenomenologia e sobre o existencialismo, apontando alguns filósofos importantes dentro da área, como também explicitar o luto na fase específica da velhice utilizando o olhar dessas bases filosóficas, haja vista que se trata de duas áreas as quais a Gestalt-terapia tem como suas filosofias de base juntamente com o humanismo.

A fenomenologia, iniciou-se na Alemanha no fim do século XIX e na primeira metade do século XX, a qual tem como pai Edmund Husserl (BELLO, 2006, p. 17). Foi um dos dois importantes movimentos filosóficos iniciados naquele século, o segundo movimento foi o existencialismo, “relacionado à fenomenologia histórica e conceitualmente, porém distinto” (EVANGELISTA, 2016, p. 153).

O foco da fenomenologia é voltado, como o início da palavra “feno” sugere, ao estudo dos fenômenos, aquilo que se dá, que emerge, que se torna manifesto a consciência. Seu movimento filosófico demonstrou uma forte influência sobre algumas filosofias contemporâneas, em específico a ontologia de Martin Heidegger e a fenomenologia da existência de Merleau-Ponty (LIMA, 2014, p. 11). Goto, Holanda e Costa (2018, p. 43) destaca que Husserl traz o fenômeno como “o modo de manifestação de todas as coisas”. Uma coisa não somente se apresenta a consciência como um objeto, mas se encaminha logo em seguida para um sentido, um significado.

A palavra “fenômeno” (*φαινόμενον*, *phainomenon*) é entendida por Husserl como tudo aquilo que aparece, ou seja, todas as coisas (*Sachen*) que se mostram a alguém. Aqui convém observar que “coisa”, nesse contexto, não deve ser entendida apenas como coisa física (*Ding*), como por exemplo, um livro, uma casa, etc., presentes em “carne e osso”. As coisas (*Sachen*, *sache*) que se mostram às pessoas, devem ser tratadas como fenômenos, porque em suas aparições é possível, de imediato, compreender os seus sentidos e não apenas o sentido físico. Isso acontece porque existe no ser humano uma necessidade de significar tudo aquilo que se mostra em sua experiência. Husserl, então, identifica essa busca de sentido das coisas (*Sachen*) como o problema fundamental da Filosofia (GOTO; HOLANDA; COSTA, 2018, p. 43).

Com isso, pode-se observar o que Husserl apontou como “de volta as coisas mesmas”. Como já dito, a fenomenologia visa seu foco aquilo que se apresenta, não somente ao objeto, mas ao conteúdo envolvido nessa relação direta com o objeto. Assim também ela se volta pontualmente a descrição, perceber aquilo que surge e descrevê-las. Ao olhar para uma fechadura, por exemplo, o sentido que surge, independentemente de cor ou material utilizado é o mesmo, “serve para trancar”. É utilizado um pré-conceito já estabelecido e experienciado na vivência. Assim, Husserl coloca que “o fenômeno é a consciência enquanto fluxo temporal de vivências, apresentando intencionalidade enquanto estrutura, ou seja, consciência de algo” (LIMA, 2014, p. 12).

Ao falar sobre vivência na perspectiva de Husserl, como Goto, Holanda e Costa (2018, p. 45) descreveu, é colocar a vivência desse sujeito que já encontra esse mundo pré-dado e pré-existente e que se encontra meio a esse mundo. É com esse

olhar de se direcionar “as coisas mesmas”, aquilo que aparece primeiramente pelos sentidos, ao fenômeno, que Husserl propõe outro método à Psicologia, o método fenomenológico, a fim de apresentar um meio para chegar até a subjetividade, e assim evitar a ruptura entre o sujeito e objeto, como afirma este mesmo autor. No entanto um ponto fundamental para o método fenomenológico é o de se desprender dos preconceitos para que assim se chegue genuinamente ao fenômeno.

Para Husserl não se pode conhecer jamais aquilo que se dá por si mesmo, a coisa em si. Se for necessário pressupor ou especular, não é mais fenomenologia. E, para que se faça realmente fenomenologia, é preciso suspender todo e qualquer posicionamento ontológico e toda “realidade empírica”. Assim, tudo que for aparente, óbvio e preconcebido é colocado em questão (REHFELD, 2013, *online*).

O método fenomenológico, como afirma Evangelista (2016, p. 164) ao citar Goto (2008), é iniciado pela “primeira etapa *epoché*, termo grego que significa ter sobre abster-se, reter-se”. Que em síntese, consiste em “tirar de circulação” ou “por entre parênteses” a orientação natural (GOTO; HOLANDA; COSTA, 2018, p. 46). Este mesmo autor aponta ainda um segundo momento, a redução eidética, que, segundo ele, “elimina os elementos naturais e contingenciais da experiência para chegar à essência (*eidos*) do fenômeno”. Tudo isso leva a um intuito único de afastar-se dos conceitos pré-estabelecidos e passar a ver com um olhar desprendido daquilo que se pré-conhece, afim de explorar com uma atenção genuína aquilo que surge, emerge. É com a redução fenomenológica que ao afastar-se dos fatos se chega às essências, ou seja, a fenomenologia de Husserl é uma fenomenologia eidética (EVANGELISTA, 2016, p. 165). Ao partir dessa visão filosófica e técnica que a fenomenologia é utilizada como a ciência pela qual, para Husserl, alicerça a teoria das ciências, pois ela “necessita também de uma fundamentação na sua própria essência de teoria”, e isso só é possível, para ele, através da fenomenologia (LIMA, 2014, p. 13).

O existencialismo surge, como segundo movimento filosófico importante na primeira metade do século XX, após apresentar grande repercussão e publicação, tudo em razão de uma Europa debilitada e mergulhada em um conflito mundial e em diversas crises na política, na sociedade, na economia, nas questões financeiras e também nas questões morais (SANTIAGO, 2017, p.16). Com isso, seu surgimento e desenvolvimento se deu, especialmente, por meio das reflexões sobre o homem e seu modo próprio de ser no mundo propostas, naquela época, por Sören Kierkegaard,

Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Martin Buber, entre outros (CARDOSO, 2013, *online*).

Para Cardoso (2013, *online*), “o existencialismo pode ser entendido como um conjunto de doutrinas filosóficas cujo tema central é a existência humana em sua concepção individual e particular”. Com a principal visão de homem como ser livre aberto a escolher sua própria essência, um ser mutável e não um ser cuja realidade já está pré-definida. Dado no pensamento de Sartre (2012, p. 25, *apud* CARDOSO, 2013, *online*) ao dizer que “a existência precede a essência”. O homem está em ação a todo momento, escolhendo e sendo, “é um ser de gerúndio, que designa ação, movimento, e não de particípio, que indica uma ação já finalizada: ele nunca é, mas sempre “está sendo” (CARDOSO, 2013, *online*). Entretanto, segundo este mesmo autor, o existencialismo não só vê o homem dado somente através da escolha, o vê também como abertura para o mundo, só se construindo por meio de sua relação com o mundo, dando-lhe sentido, assim se assume que o homem é liberdade, a qual é tomada como promotora de angústia, colocando o homem como ser para a morte; definição que será vista na continuidade desse capítulo.

Como já visto, a fenomenologia exerceu grande influência sob muitos filósofos existenciais, dessa forma podemos facilmente observar um olhar fenomenológico existencial aqui a ser reproduzido. Apesar de haver críticas a fenomenologia “pura” de Husserl, sua visão e contribuição para o pensar desses filósofos foi importante, especificamente com o que diz respeito ao pensamento de intencionalidade; que atos de consciência são dirigidos para objetos e a consciência de objetos é sempre mediada por significados sociais (REYNOLDS, 2013, *online*).

Na percepção de Freitas (2018, p. 51) o olhar fenomenológico-existencial expõe uma visão do enlutamento pelo entendimento do fenômeno como vivência *pathica*, pela qual a experiência própria e subjetiva do sujeito surge como fenômeno dado no mundo e com os outros. É notado na vivência da pessoa que perde, um sofrimento cuja proporção é particular, na qual, como afirma este mesmo autor, pode acabar ocasionando um “esvaziamento de sentido de sua existência”, pois na morte de um ente querido há possibilidade de perda nas possibilidades próprias de existir no mundo (FREITAS, 2018, p. 51). Destarte, para o idoso em luto o existir passa a ser configurado tanto pela perda enquanto relação com o outro, como também pela atualização do ser finito no mundo. Com isso, esse capítulo abordará duas

perspectivas: o idoso como um ser finito no mundo, através de um olhar ser-para-a-morte de Heidegger, e o idoso na perda da relação eu-tu, pela perspectiva de intersubjetividade de Merleau-Ponty.

2.1 O IDOSO ENLUTADO: SER-PARA-A-MORTE.

O enlutamento é incorporado por uma compreensão singular e subjetiva da existência humana. Assimilar o fenômeno da morte, dentro da circunstância da perda de uma pessoa querida, é lidar diretamente com a realidade da finitude dessa existência. Como afirma Porto e Junior (2018, *online*) a finitude da vida consiste em ver a vida como uma estranha hospedeira, e aqueles que chegam (nós), como seres efêmeros, o que ocasiona uma reflexão sobre a existência humana, o pensar na vida.

Para Alvarenga (2018, p.13) abordar a morte, enquanto fenômeno, é a colocar no grupo das experiências irrealizáveis, as quais se caracterizam como eventos que não conseguimos imaginar para nós mesmos, nem tão pouco para as pessoas das quais temos grande afeto. Dessa forma, é com a supressão do outro, que há uma perda de sentido do mundo-da-vida, surgindo a exigência de nova significação, impondo-se, por conseguinte, nova forma de ser-no-mundo (FREITAS, MICHEL, 2014, p. 274). Como afirma Lara e Ferreira (2019, p. 5-6) ao citar Heidegger (2005):

A morte é uma possibilidade ontológica singular onde ninguém pode morrer por outro, mas cada um faz sua experiência particular no processo de finitude. Se essa experiência é particular e alcança a totalidade dos indivíduos, aparece aí o ser para a morte, pois esse fenômeno alcança a todos. Findar não quer dizer essencialmente completar-se, mas chegar a impossibilidade de continuar uma existência. Em um sentido mais amplo morte é um fenômeno da vida e por isso deve ser considerado como parte integrante de uma totalidade do ser no mundo. Com isso a morte é a possibilidade mais própria do ser-no-mundo, apresentando-se de forma irremissível, insuperável e inevitável ao curso do existir. A partir do momento que cada ser é lançado ao mundo, essa possibilidade passa a ser uma verdade que acompanha em todo o processo de se fazer no mundo (LARA, FERREIRA, 2019, p. 5-6).

Martin Heidegger voltou o foco de toda sua preocupação filosófica a questão do problema do ser, seu sentido, sua verdade, utilizando o método fenomenológico (AZEVEDO, PEREIRA, 2013, p. 63). Para este filósofo existencial a morte é a maior manifestação da finitude humana (ALVARENGA, 2018, p. 14). Ao voltar-se para a afirmação de que o ser humano está sempre em movimento, se coloca também que ele está a todo momento escolhendo e vivendo de forma construtural. Conforme Heidegger acredita: o ser humano está sempre fazendo a sua história acontecer (AZEVEDO, PEREIRA, 2013, p. 63). A partir dessa visão de Ser, um conceito importante em seus estudos é o *Daisen* (ser-aí), onde o ser humano é o único ser

habilitado a uma compreensão de si mesmo, sendo que essa compreensão “se dá na medida em que se existe” (ALVARENGA, 2018, p. 14). Contudo, uma parte importante do *Daisen* é que somente se alcança a totalidade do ser a medida que ela se finda, chega a morte. Na morte se encontra a possibilidade natural de cada um, por isso, somos ser para a morte (MENEZES, LOPES, 2014, p.3311).

Não se trata de saber que se morrerá um dia, mas da angústia inevitável diante da finitude radical, sendo o homem, segundo Heidegger, uma existência angustiada por ser um ser-para-a-morte ao se confrontar com a morte do outro, pois se reconhece em sua própria nulidade (QUINTAS, 2016, p. 106).

Nessa linha de pensamento, para Heidegger o *Daisen* é um ser-para-a-morte. Menezes e Lopes (2014, p. 3311) afirma que “a existência não é dada ao homem como um caminho bem arranjado ao fim do qual está a morte, mas a morte como possibilidade pode atravessar sua existência a qualquer momento”. O que dentro do estudo para com os idosos, acredita-se que a morte ocorrida no tempo da velhice se torna uma perda natural e esperada, ao contrário de uma morte prematura. Entretanto dentro das perspectivas importantes sobre a morte que permeiam os indivíduos neste ciclo vital podem, em alguns casos, ser provedora de angustia (SANTOS, 2017, p. 25).

Independentemente do momento em que o ser humano se encontre, na passagem entre uma fase do desenvolvimento e outra, a assimilação da morte não se mostra de forma linear, pois o tempo também não se apresenta assim. Santos (2017, p. 26) evidencia que na passagem do tempo não há repouso ou interrupção, é marcado na concepção de futuro algo que poderá ou não acontecer, exposto que na condição ser-aí o sujeito pode não mais existir. Posto isso, se leva em consideração a existência pela configuração entre o viver e o morrer, pois “tudo o que começa a viver já começa também a morrer, a caminhar para a morte”, como explica Heidegger, citado por este mesmo autor.

Destarte, Menezes e Lopes (2014, p.3314) citam que “o morrer é a possibilidade mais extrema do idoso, pois põe em jogo o seu ‘ser no mundo’”. Em suas pesquisas, esses autores notaram que o idoso ao estar diante da morte de um ente querido (familiares, amigos, cônjuges), lidam diretamente com a própria possibilidade do morrer, é notado medo e fuga, pois estão diretamente ligados a proximidade com a morte pelos paradigmas do envelhecer. Contudo, se percebe que a antecipação da

morte, a percepção da temporalidade, estar-presente, ser-finito, sertoda, apresenta-se como a realização de possibilidades (KREUZI, FRANCO, 2017, p. 177). Ou seja, o estar para morte, o lidar com a morte, no momento específico do envelhecimento, “abre possibilidade de dar um sentido pleno à existência, que se apresenta com perdas nos aspectos bio-psico-social-cultural” (MENEZES, LOPES, 2014, p. 3315).

2.2 O IDOSO ENLUTADO: PERDA DA RELAÇÃO EU-TU.

O idoso ao se deparar com a perda de um ente querido, lida diretamente com o fato de ser idoso e sofre pela ausência do outro. Há uma perda do tu, na relação eu-tu ocasionando o enlutamento, exposto aqui a partir de uma visão fenomenológica existencial, voltada para a noção de intersubjetividade como intercorporeidade, concebida pelo filósofo Merleau-Ponty, tal visão define o enlutamento como um fenômeno que tem início a partir da ruptura do seu mundo compartilhado com o outro (FREITAS, 2018, p. 52).

É importante ressaltar que mesmo tendo tido certa influência da filosofia de Husserl, Merleau-Ponty desenvolveu uma filosofia própria contribuinte para a compreensão da existência humana e do sujeito ao ofertar uma concepção diferente acerca do corpo e sua importância para a constituição da subjetividade (BLASCZAK, 2016, p. 9). O que para Husserl a consciência intencional é doadora de sentido, para Merleau-Ponty a consciência é uma consciência perceptiva (SANTOS, 2014, p. 8).

Santos (2014, p. 10) aponta que a crítica feita por Merleau-Ponty ensina que o espírito não faz uso do corpo, ele se efetua, e faz isso ao ser transpassado por feixes de sentido que não são reduzidos a uma dialética do estímulo físico. Este filósofo descreveu o corpo não como um objeto, mas como uma ligação direta com o ser-no-mundo. O sujeito existe ao passo que ele se percebe, dado mediante aos sentidos, a percepção, “eu sou no mundo, sou no espaço e sou meu corpo e ele me relaciona a tudo”. (XAVIER, 2013, *online*). Desse modo, a perspectiva sobre o corpo-sujeito apresentada por Merleau-Ponty, mostra o conceito de subjetividade posta como relação corpo e mundo. “Com efeito, será por meio desse corpo fenomenal que Outrem atestará sua presença” (SANTOS, 2017, p. 177).

Enquanto outrora a subjetividade derivava tanto no empirismo como no idealismo apenas da relação ego-mundo, agora a subjetividade tem também como condição prévia a intersubjetividade que se dá no compartilhamento da realidade com o outro. Este compartilhamento não é uma repartição, uma divisão em partes, mas é usufruto comunal, acesso a, enfim, participação de incompletudes (SANTOS, 2014, p. 11).

Na relação eu e outro observa-se semelhanças nas capacidades de suas expressividades, como observa Santos (2017), essas semelhanças se configura como uma experiência intersubjetiva, mostradas a partir de uma reciprocidade perceptiva, mas ao passo que o Eu tem acesso a percepção do Outro tem-se também acesso as expressões, como por exemplo o momento em que um indivíduo perde alguém próximo e uma outra pessoa se sensibiliza de sua dor, pode haver sentimentos de tristezas, mas o significado daquela tristeza será diferente para aquela pessoa que perdeu, devido ao laço afetivo existente. Isso se dá mediante a expressividade de significantes que emanam desse Outro, correspondente ao intermédio de signos linguísticos ou por expressões corpóreas (SANTOS, 2017, p. 179). Por conseguinte, toda explicação sobre o sujeito e a percepção é voltada para o fenômeno corporal, visto que o estudo do fenômeno perceptivo e da corporeidade traça um relacionamento perpétuo entre corpo, mundo e outrem, que emerge na vivência de um campo fenomenal (ALVARENGA, 2016, p. 87-88).

Ao evidenciar tal estudo no assunto enlutamento vivenciado pelo idoso pudesse destacar a perda desse outrem em seu mundo. O idoso já não está mais com a pessoa querida, sua proximidade com a morte se torna mais manifesta e busca-se nesse momento, não um modo de superação, mas uma necessidade de ressignificação, sobre seu ser-no-mundo e sobre o outro que passou a não mais existir e deixou toda a história compartilhada e vivida com aquele que ficou. Como afirma Michel e Freitas (2019, p. 3) ao dizer que “apesar de não estar mais presente com sua corporeidade, o ente querido que morreu se apresenta cotidianamente no mundo que o anuncia, por meio de hábitos, experiências partilhadas e objetos, mas como ausência”.

Esses mesmos autores retratam ainda que o luto como uma não superação, mas como uma incorporação no existir, mostra uma vivência do luto sempre inacabada, não organizada em fluxo contínuo, como “ondas”. Os lugares, aromas, datas, tendem a despertar para a enlutada recordação acerca da não mais existência daquele ente querido que partiu. O que reafirma a perspectiva sobre o papel da temporalidade do sujeito em ser-no-mundo de Merleau-Ponty, que o momento vivido, mesmo que em um passado distante, continua carregado pelo sujeito, mesmo que em seu tempo presente (ALVARENGA, 2016, p. 87). Dessa forma, o enlutar-se, inclusive

no momento da velhice, emerge de modo singular, a partir da significação que é dada por meio da experiência vivida.

3 ELABORAÇÃO DO LUTO: VIUEZ NA VELHICE.

A compreensão sobre o luto desencadeado pela morte, de forma geral, se apresenta por diversas vertentes; é visível a distinção sobre o que é a morte nos mais diferentes contextos, ambientes e culturas. E por mais que seja inerente ao homem, a morte ainda é um assunto evitado, como ensina Dias e Oliveira (2019, p. 4): “Não se trata de um possível evento; trata-se de uma certeza, um acontecimento que tendemos a não falar sobre, chegamos até a rejeitar tocar nesse tipo de assunto em nossos diálogos diários”. Com isso, esse capítulo visa apontar alguns autores e teóricos comentados e referenciados nessa área de estudo, para assim identificar o processo da viuvez no período da velhice.

Assim, como é encontrado distinção entre as culturas em outros assuntos, ao falar sobre a morte o mesmo acontece. O assunto morte e o processo de morrer com o passar do tempo foi se modificando, em específico nas culturas, de acordo com as necessidades dos homens e a relação que é incorporada por ele em meio aos papéis sociais (SALMAZO-SILVA; et al., 2012, p. 187).

“Minha vó disse que a morte não existe. Ela acreditava que só morreremos quando os outros nos esquecem”. Essa fala encontrada no filme “*Viva – A Vida é uma Festa*”, lançado no Brasil dia 4 de janeiro de 2018 pela *Disney/Pixar*, retrata não somente sobre uma cultura diferente da qual é vivenciada em grande parte no Brasil, mas apresenta especificamente uma das diversas distinções existentes sobre a morte. Entretanto, mesmo o filme ao abordar uma ideia vinda da perspectiva da cultura mexicana, ela demonstra também quão o significado da morte só é definido a partir do laço afetivo criado com aquele que partiu, motivo pelo qual o significado do que é a morte para quem perdeu passa a tomar forma, independente do contexto em que se vive.

Dentro da atual perspectiva, é notório como a dor da morte de alguém próximo só é ocasionada a partir da vivência já estabelecida, construída e compartilhada na passagem de tempo com esse alguém. E estar diante dessa dor mostra como no processo de viver se encontra sempre a possibilidade de se deparar com a morte e o morrer. Segundo Nucci (2018, p. 72) a “morte e morrer são diferentes. Morte é partida, deixar a vida, é perda, é saudade. Morrer é incerteza: como, quando, onde? Dói? Tem sofrimento? Cada um de nós procura em si essa resposta”.

No campo de estudo sobre a morte e o morrer um nome que se destaca é o de Elizabeth Kubler-Ross, médica psiquiatra, se tornou uma pioneira na área de cuidados paliativos, seu interesse, atenção e cuidado com os pacientes se tornou um grande diferencial em seu estudo voltado para pacientes terminais. Segundo Luz e Bastos (2019, *online*), em 1965, enquanto era professora de Psiquiatria da Universidade de Chicago, quatro estudantes a abordaram com o intuito único de compreensão sobre “como o homem lidava com as maiores crises da vida”, e por compreender a morte, o encarar a finitude, como a maior dessas crises, a atenção ao homem diante da morte se tornou seu principal foco.

Com as entrevistas feitas com pessoas diante da morte e seus seminários, ao decorrer dos anos que se seguiram, Elizabeth Kubler-Ross, ao contrário do que era vivenciado naquela época entre médico-paciente, seu trabalho apresentou um olhar mais cuidadoso aqueles que estavam em sofrimento terminal, seu objetivo foi o de “romper a camada de negação profissional que proibia os pacientes de transmitir suas preocupações mais intimidas” (LUZ; BASTOS, 2019, *online*). Conforme esses mesmos autores, tal trabalho deu subsídio ao seu livro “Sobre a morte e o morrer”, publicado em 1969, causando alvoroço na literatura médica daquela época. Apresentou-se nessa obra os cinco estágios do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. E ainda que seu intuito não tenha sido estabelecer uma receita fechada sobre o processo do morrer, alguns críticos não viram dessa forma. Para tanto cabe aqui detalhar um pouco sobre cada estágio.

Na negação, estágio inicial ao conforto com a morte, o paciente se nega acreditar na notícia sobre a morte, utilizando da negação e do isolamento (SANTOS; HORÁCIO, 2020, p. 4). O primeiro pensamento que surge é o de “não acredito”, “isso não está acontecendo”. Diferentemente, o segundo estágio é a raiva. Nela busca-se algo ou alguém para descarregar essa raiva, podendo ser direcionado ao profissional da saúde, ou a si mesmo, a uma pessoa próxima, ou até mesmo a Deus (NETTO, 2015, *online*).

O terceiro estágio é a barganha, qual busca um meio de buscar resposta sobre o porquê daquilo está acontecendo, e se há ainda possibilidade de ser diferente. Geralmente é direcionado a partir da crença individual de cada um, em exemplo Deus.

Há culpa diante a dor da morte, e essa “culpa geralmente vem acompanhada da barganha, em que o sujeito acredita que poderia ter feito algo diferente para a situação não ter chego onde está” (NETTO, 2015, online).

O quarto estágio é a depressão, diferente do conceito direcionado ao patológico, essa tristeza é apresentada como normal ao sofrimento de encarar a morte e/ou morrer, nesse momento já não se nega mais a morte e se demanda um diálogo com as pessoas que estão ao redor (SANTOS; HORÁCIO, 2020, p.4). Por fim, se tem o quinto estagio, a aceitação. Nela há uma dita aceitação da morte, ainda que não como algo fechado que não irá doer mais, mas como uma dor ressignificada, em que “propicia que o sujeito passe a encarar sua nova realidade e a dar significado a ela, na medida em que novas relações podem ser estabelecidas e que se possa aprender a viver sem a pessoa que se foi” (NETTO, 2015, online).

Cabe ressaltar que uma das críticas aos estágios do luto de Elizabeth Kubler-Ross é a descrição em fases/estágios, dando a entender que existe um roteiro a ser seguido no processo de luto, entretanto essa autora mostra após a publicação do seu livro que sua intenção não foi essa, afirmando, em algumas ocasiões, que se soubesse o equívoco que ocorreria, tornando seu modelo como uma receita infalível ela nunca o teria escrito (LUZ; BASTOS, 2019, online). Hoje, a partir dos ensinamentos deixado por Kubler-Ross, é visível que tais estágios ocorrem de modo relativo, podendo ou não ocorrer de maneira respectiva, ao variar de acordo com a subjetividade de cada um.

Outro autor encontrado nos estudos sobre perdas, inclusive relacionada a morte, é John Bowlby. Com ênfase nas questões relacionais, esse teórico desenvolveu a teoria do apego, mediante aos seus estudos sobre a privação materna, em meados de 1951 (BIANCHI; CAMPS, 2020, p. 210).

Nesse trabalho, diversas fontes de conhecimento como a medicina, psicanálise, estudos do comportamento e etologia foram integradas, constituindo um valioso corpo de saber sobre as questões relacionais no início da vida e como elas influenciam as relações estabelecidas posteriormente. O autor dedicou-se aos estudos de formação e rompimento de vínculos afetivos, o que rendeu valiosa contribuição para a compreensão do luto, entendendo este processo como uma reação ao rompimento de vínculos afetivos (BIANCHI; CAMPS, 2020, p. 210).

Essa teoria demonstra uma forma de conceito para como o ser humano cria seus laços afetivos com os outros, e uma compreensão acerca das reações emocionais, como também as comportamentais, aparentes depois do rompimento ou

ameaça desses laços (WORDEN, 2013, *online*). Worden (2013, *online*) exemplifica como em situação, determinada teoria se explica:

O comportamento de apego é mais bem explicado pelo animal jovem e pela criança jovem, que à medida que crescem, separam-se da figura primária de apego por crescentes períodos de tempo, buscando explorar um raio cada vez maior em seus ambientes. Entretanto, eles sempre retornam para a figura de apego, em busca de apoio e segurança. Quando a figura de apego desaparece ou é ameaçada, a resposta é uma ansiedade intensa e um forte protesto emocional. (WORDEN, 2013, *online*).

Em resumo, ao considerar essa teoria se considera que quão mais forte o vínculo for estabelecido mais intensas serão as reações perante o rompimento/perda. Desnívelando as reações diante a situação da morte de um ente querido é perceptível a procura, a tentativa, de encontrar meios que tragam alguma justificativa sobre tal perda, ou um modo de manter a esperança de ainda encontrar aquele que partiu. Desse modo há sempre a necessidade de adaptação com a realidade dura de não ter mais aquela pessoa próxima. Bowlby (2014) em suas observações, citado por Sassi (2014, p. 8), demonstra que o indivíduo que passa por dita perda tem reações que transitam em períodos sucessivos, podendo ser não bem-delineados e com possibilidade de oscilação entre eles. Com isso, ainda que não ocorra de forma definida, esse teórico “caracteriza o processo de luto através de quatro fases: fase de entorpecimento, fase de saudade e de procura da pessoa falecida, fase de desorganização e desespero e fase de reorganização” (SILVA; FERREIRA-ALVES, 2012, p. 589).

A fase do entorpecimento pode ser colocada como uma fase de choque, apresentada quase que de imediato após a perda, em que negar a realidade aparece primeiro, e há grande aflição, podendo, a depender do sujeito que o vivencia, durar em período de horas ou semanas (SANTOS; SOUZA; ENETÉRIO, 2020, p. 8). No anseio, fase de saudade e de procura da pessoa falecida, se busca procurar um meio de trazer a pessoa que morreu de volta, podendo haver essa busca por meio de sonhos, sugerindo na percepção do enlutado que o ente está de alguma forma tentando transmitir algum sinal (ALVES; DA ROCHA, 2019, p. 5). Após essa fase o enlutado percebe que a pessoa querida não vai retornar, entrando na fase de desorganização e desespero, ao ocorrer esse momento desenvolve-se sentimentos de angústia, tristeza, raiva, entre outros, podendo experienciar a sensação de que não há condições, físicas e psicológicas, para enfrentar e superar tal perda (ALVES; DA

ROCHA, 2019, p. 5). Ao passar por todas as fases coloca-se que esse indivíduo pode se recompor, mesmo com a saudade existente e ainda em processo de adaptação com a falta do outro, se retoma as atividades cotidianas, ao ser definida aqui como a fase de reorganização (SANTOS; SOUZA; ENETÉRIO, 2020, p. 8).

Ainda dentro do campo de estudo sobre luto se encontra as tarefas de J. William Worden. Diferentemente dos dois outros autores citados, esse teórico propõe tarefas, ao invés de fases/estágios, que não precisam, necessariamente, “ser realizadas numa ordem particular e podem ser revisitadas e retrabalhadas diversas vezes” (RAMOS, 2016, p. 5). Segundo Alves e Da Rocha (2019, p. 6):

A justificativa de Worden (1998) para a utilização da palavra tarefa – ao invés da palavra fase –, explica-se pelo fato de que o enlutado é um ser ativo no processo de luto. A terminologia fase remete às ideias de que o sujeito, durante o período do luto, seria passivo, e de que a fase seria algo a ser transposto, atravessado e superado; em contrapartida, a terminologia tarefa remete a um sentimento de esperança, de recurso a ser utilizado para que o indivíduo possa, efetivamente, fazer algo novo e prazeroso (ALVES; DA ROCHA, 2019, p. 6).

A partir dessa compreensão é posta por ele quatro tarefas, as quais “incluem o enlutado aceitar a realidade da perda, processar a dor do luto, ajustar-se ao mundo sem a pessoa que partiu e encontrar uma conexão duradoura” (DOMINGO; PANTE, 2021, p. 107). Tais tarefas, para esse teórico, mostram uma perspectiva de apresentar que a tomada de decisão/ação mediante ao processo de luto parte do enlutado, e que essa consciência possibilita fazer alguma coisa, partindo, exclusivamente, de si próprio (RODRIGUES, 2019, p. 17).

Ramos (2016, p. 5) destaca que “a primeira tarefa (aceitar a realidade da perda) envolve a aceitação intelectual e emocional da perda”. Ainda que a morte seja irreversível, a aceitação dela é, na maior partes das vezes, difícil de aceitar, e por isso pode ser dificultosa o cumprimento dessa primeira tarefa. Propõe-se que caso ocorra essa dificuldade haja encorajamento para que essa pessoa fale gradualmente, tanto sobre seus sentimentos acerca da perda, quanto sobre as suas circunstâncias, como afirma esse mesmo autor.

A segunda tarefa restringe-se a processar a dor do luto, trabalhar a dor que é desencadeada pela perda, uma vez que a pessoa enlutada pode encontrar meios para não vivenciar tal processo, o evitando, “como por exemplo através de substâncias psicoativas, evitar pensamentos dolorosos, fuga de locais ou de situações em que o enlutado poderá recordar a pessoa falecida” (RODRIGUES, 2019, p 17), determinadas

ações fazem com que o luto não seja processado e reapareçam mais adiante como sintomas.

Para Nascimento et al (2017, p. 451), a terceira tarefa, que consiste em ajustasse ao mundo sem a pessoa que partiu, é dividida em três áreas de ajustamento, sendo elas: ajustes externos, qual envolve o funcionamento da rotina, quão a morte a afeta; ajustes internos, envolvendo o si mesmo (self), a própria autoestima e a auto eficácia; e por último, ajustes espirituais ou ajustes de crenças, que diz respeito as crenças, valores, forma de perceber o mundo. Por fim se tem a última tarefa, encontrar uma conexão duradoura, reinvestir em outras relações, ou seja, “é o passo para que o enlutado possa investir em novos relacionamentos, permitindo ajudar a pessoa que atravessa o processo de luto a continuar a sua vida após a perda” (RAMOS, 2016, p. 6).

Se torna evidente que os estágios do luto apontados por Elizabeth Kubler-Ross, as fases caracterizadas por John Bowlby e as tarefas de J. William Worden, demonstram uma grande gama de compreensão acerca dos sentimentos e reações que podem ser experienciadas no momento do enlutamento, tudo ao partir da singularidade de cada pessoa que vivencia o luto. São modelos teóricos que expõem a importância do conhecer o processo luto, do vivencia-lo, não nega-lo. “O enlutado precisa viver esse processo até que seja superado, isso é necessário para que não desenvolva patologias decorrentes da dor reprimida” (OLIVEIRA; SOUZA, 2020, p.10). Ao não ser vivenciado, ao ser ignorado, o luto pode passar de um luto normal a um luto patológico.

O luto normal pode ser definido como aquele que, mesmo diante da dor causada pela perda, o enlutado consegue alcançar sua elaboração, a qual é necessária que o indivíduo em sofrimento a encare e a vivencie, durante um determinado período de tempo (RODRIGUES, 2019, p. 13). “É o processo que o enlutado entende e admite a perda do ente querido, adequando-se sua vivência sem a pessoa” (SANTOS; HORÁCIO, 2020, p. 5).

Marques (2018, *online*) aponta que o luto patológico ou luto prolongado, assim como o normal, apresenta os mesmos sinais e sintomas; o choro, a tristeza, a culpa, a precisão de adaptação, entre outros. Contudo, segundo esse mesmo autor, “os sinais e sintomas anteriormente referidos, em vez de resolverem com o passar do

tempo, mantêm-se, podendo até mesmo agravar”. Assim como classifica Almeida (2015, p. 7) ao citar Barbosa (2010):

...podem ser considerados como critérios de luto prolongado, critérios de ordem: afectiva (e.g. enlutado emociona-se perante a menção ao objecto perdido), cognitiva (e.g. enlutado idealiza os aspectos positivos do objecto perdido, recalando o que é negativo), física/vincular (e.g. enlutado imita características do objecto perdido), comportamental (e.g. enlutado investe de modo excessivo em actividades laborais ou sociais), social (e.g. o enlutado experiencia sentimento de vazio) e existencial/espiritual (e.g. enlutado sente ter perdido uma parte de si mesmo) (ALMEIDA, 2015, p. 7).

Com isso, tais visões e definições mostram como a elaboração do luto é um processo difícil, que ao desencadear no indivíduo sofrimento, torna necessário uma readaptação em sua vida, e por mais que haja pessoas ao seu redor com intuito de ajudar, tamanha dor só pode ser vivenciada e assimilada por ele próprio, não esquecendo que essa ajuda, como o trabalho de um profissional, é de extrema importância (OLIVEIRA; SOUZA, 2020, p.10).

Para Oliveira e Souza (2020, p. 11) é visível a linha tênue que existe entre o que é o luto normal, e o que é o luto patológico, e ao não desconsiderar o que muitos autores retratam sobre o luto prolongado, coloca-se esse luto como um complicador para o indivíduo e sua vivencia como um todo, inclusivamente nas pessoas idosas, por ter como conceito e distinção uma fragilidade com relação a idade, pode apresentar maiores complicações para seu viver.

São várias as maneiras que o processo da perda pode se apresentar ao idoso em sua trajetória, seja pela perda de amigos, conhecidos ou pela perda do cônjuge; foco principal desse trabalho. Esse processo da perda pela morte do cônjuge, já na terceira idade, é um acontecimento que se faz possível durante o tempo de vida, qual é mais comum e, ainda, um dos menos comentados (SANTOS; HORÁCIO, 2020, p. 8). Como também afirma Both, Alves, Pereira e Teixeira (2012, p. 67-68): “a viuvez em idade avançada, dentre os vários acontecimentos do ciclo de vida, é um dos mais normativos e, simultaneamente, um dos menos investigados”. Dessa forma, cabe na continuidade desse capítulo falar sobre o luto no processo de envelhecimento (senescência), como destacar a perda do cônjuge, levando em consideração também os paradigmas que permeiam a realidade do ser idoso.

3.1 LUTO NA SENESCÊNCIA.

“A senescência é caracterizada como o processo natural do envelhecimento humano” (OLIVEIRA et al, 2019, p. 2). O envelhecer humano é inerente ao homem, assim como as outras fases distribuídas no decorrer do seu desenvolvimento. Entretanto, seu desenvolver atribui mudanças significativas, em aspectos físicos, sociais e, principalmente, emocionais. Segundo Kreuz e Franco (2017, p. 169):

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a população idosa como sendo aquela constituída por pessoas com 60 anos de idade ou mais, sendo este um limite válido para os países em desenvolvimento. O limiar de 65 anos de idade ou mais, é adotado quando se trata de países desenvolvidos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2002). Tal critério leva em conta a cronologia, ou seja, é um marco etário, no qual a idade demarca a existência de direitos, acessos e classificações na classificação àqueles que envelhecem. (KREUZ; FRANCO, 2017, p. 169).

Entretanto, para esses mesmos autores, a definição do que vem a ser a velhice, pode ser de difícil atribuição, em razão dos diversos fatores que englobam o viver do sujeito, como os biológicos, emocionais, existenciais e socioculturais. Torna-se necessário, dessa forma, olhar a velhice por um novo prisma.

No vídeo intitulado “A velhice para além da idade”, disponibilizado no canal Gestalt Paraná no *youtube*, em 3 de agosto de 2020, a psicóloga Laís Nadai Tavares, aborda a diferença sobre o envelhecimento e a velhice. É apontado o envelhecimento como o processo do envelhecer decorrente da vivência, já que, uma vez que o ser humano nasce já está envelhecendo. Já a velhice, segundo ela, trata-se especificamente da fase do ser idoso, um momento inevitável do ciclo da vida, e ainda que diretamente ligado a idade, vai além.

Com isso, essa psicóloga apresenta a velhice por duas perspectivas, a cronológica (idade, políticas públicas, alterações sociais) e a biológica (características biológicas, estética, funcionalidades físicas, características existenciais e de maturidade), colocando que a velhice não é uma vertente exclusivamente cronológica e, biologicamente, pode se apresentar de modo precoce ou retardatário. Ou seja, o ser idoso engloba a existência vivenciada por cada ser humano.

Ao partir disso, não se pode deixar de abranger o processo psíquico que é cometido nessa etapa da vida. Venturini (2015, p. 18-19) coloca que nessa fase o sujeito está mais próximo da morte, o agir de anos atrás passa a ser diferente, não há

mais as mesmas possibilidades e começa a ter e sentir mais perdas ao seu redor “(rugos, resistência física e biológica, aposentadorias, mortes, entre outras)”. O idoso, estando diante desses fatores, em específico a perda de alguém próximo, pode manifestar dificuldades ao elaborar o luto, vinculadas ao obstáculo de expor a dor ligada à perda (CALVACANTI, 2022, p. 5).

Salmazo-Silva *et al* (2012, p. 200-202), em uma das partes do estudo sobre “As Representações da Morte e do Luto no Ciclo de Vida” entrevistaram seis idosos com idade superior a 60 anos. Foi observado que quanto referente as representações do luto, nessa etapa da vida, cinco dos idosos colocaram o luto como um processo não necessário, algo sem necessidade de atenção, apenas uma idosa se referiu de forma diferente; em uma parte de sua fala está escrito: “O luto é significativo”. Determinada entrevista fez com que surgisse as seguintes indagações para os autores:

[...]por que o luto foi desconsiderado por essas pessoas? Será que a dimensão da própria finitude os fez distanciar-se das formas de expressar o luto e a perda? A maior possibilidade de se aproximar da morte e a vivência de perdas significativas nos aspectos físicos, sociais e familiares afetam a maneira de os idosos expressarem o luto, referenciando menor necessidade para expressá-lo? (SALMAZO-SILVA *et al*, 2012, p. 202)

Para Calvacanti (2022, p. 5) ao citar o pensamento de Barbosa, Oliveira e Fernandes (2019), o envelhecimento ao ser acarretado de mudanças e, conseqüentemente, implicar em riscos de características física, social e mental, exerce um aumento de vulnerabilidade, já que a senescência é marcada por modificações significativas em questões individuais e coletivas que emitem influência direta na saúde e bem estar do sujeito, isso faz com que seja marcado uma elaboração do luto diferenciada em comparação com as outras fases do desenvolvimento humano.

Um fator importante a ser ressaltado é a espiritualidade amadurecida nessa etapa da vida. O idoso ainda que fragilizado pelos fatores já citados, possui uma historicidade de vivências, e a religiosidade e espiritualidade passam a exercer um meio de “explicação para os questionamentos relacionados ao sentido da vida” (FARINASSO; LABATE, 2012, p. 589), o que oferta para o indivíduo um recurso cognitivo, emocional e comportamental, capaz de atribuir um meio de lidar com alguma situação difícil (GALICIOLI; LOPES; RABELO, 2012, p. 228).

Como apontado anteriormente, o luto pela perda do cônjuge, no período da velhice, é um dos mais recorrentes, torna mais visível ao idoso sua aproximação com a morte, ainda que outras perdas exerçam também esse papel, a perda do companheiro, da pessoa que se tinha uma ligação e relação simétrica, acaba se sobressaindo, pois aquele que se tinha maior vínculo e liberdade de comunicação morreu, e os outros que permaneceram vivos não alcançam a mesma significação (VENTURINI, 2015, p. 23).

Em uma pesquisa, feita na cidade de Uberlândia (MG) por Galicioli, Lopes e Rabelo (2012), realizada com 30 idosos que haviam perdido seus cônjuges com intervalo de dois anos, foi notado que os sentimentos que mais emergiram logo após a perda foram o de “tristeza, perplexidade, desamparo, dispersão, solidão, alívio e saudade”. Ao questionamento sobre o que significava ser viúvo foram colhidos os seguintes dados:

20,0% falam de aceitação, (13,3% para homens e 6,7% para mulheres), 33,3% falam de solidão, tristeza e isolamento (20,0% para mulheres e 13,3% para homens), 6,7% falam de busca por outro companheiro (3,3% para homens e para mulheres), 20,0% relatam serem discriminados e tratados com pena (10,0% para homens e para mulheres) e 20,0% alegam liberdade, autocuidado e recomeço (10,0% para homens e para mulheres) (GALICIOI; LOPES; RABELO, 2012, p. 233).

Tais dados apresentam que os idosos enviuvados dessa pesquisa mostraram uma taxa significativa quanto a aceitação, liberdade, autocuidado e recomeço, sendo observado que as mulheres durante o restante da pesquisa, demonstraram maior facilidade em exteriorizar sentimentos e emoções. Como descrito, a maior taxa se deu pelos sentimentos de solidão, tristeza e isolamento, motivo de atenção quanto ao cuidado as emoções desses indivíduos. Teodósio (2013, p.) ao citar Keong (2010), diz que “apesar da aceitação do estado de viuvez, os viúvos sentem geralmente um laço com a pessoa perdida que pode durar décadas, sendo que todas as memórias se podem transformar em conforto em alguns momentos, e em ansiedade noutros”.

Um exemplo encontrado na fala de um idoso viúvo é: “Eu tenho que me virar sozinho agora”. Ainda que essa fala tenha sido retirada do episódio 17 da 13ª temporada de *Grey’s Anatomy*, série conhecida e comentada em mídias sociais por apresentar em seus episódios diversos assuntos de cunho social, como racismo, fé, violência, desigualdade, entre outros, mostra como em uma situação real a dor da perda para o enviuvado nessa fase requer a necessidade de reconfiguração. Além da

ausência da pessoa querida que deve ser assimilada, sua volta para casa sem pessoa que sempre esteve ali compartilhando a rotina, é encarado também os paradigmas que permeiam essa fase específica.

3.2 PARADIGMAS NA VELHICE.

Com o passar do tempo é visível as marcas que surgem no que diz respeito ao biológico do indivíduo, ao ganhar forma durante toda vida, mas se caracterizar especificamente na fase da velhice. Determinadas marcas são acarretadas por estereótipos. Os idosos são vistos como impotentes à frente ao ambiente social e familiar (BARROS; SOUZA, FITARONI, 2021, p. 2). É presumido, pelas perdas e enfraquecimento corporal, uma inabilidade para a adequação ativa na funcionalidade social do sujeito. O que gera, através dessa perspectiva, discriminações direcionadas as pessoas com idade avançada. Assim como corrobora a OMS (2015):

Embora não existam pessoas maiores típicas, a sociedade geralmente as vê de formas estereotipadas, que levam à discriminação contra indivíduos ou grupos simplesmente com base em sua idade. Tal discriminação foi rotulada de discriminação etária podendo ser uma forma ainda mais generalizada de discriminação, do que o sexismo ou o racismo (10, 11). Um estereótipo de discriminação etária generalizado de pessoas mais velhas é de que são dependentes ou um fardo. Isso pode levar a uma suposição durante o desenvolvimento da política de que os gastos com adultos maiores são simplesmente um dreno na economia e a uma ênfase na contenção de custos (OMS, 2015, p. 7).

Segundo Barros, Souza e Fitaroni (2021, p. 2) diante de tantos pré-conceitos, os idosos sofrem desvalorização social os colocando como dependentes e/ou incapazes por estarem, muitas vezes, submetidos a serem cuidados, mas ainda que aparente não ser corriqueiro pode ocorrer, em algumas situações, uma inversão de papeis, onde ao invés de receber cuidado e suporte o idoso passa a cuidar de outro (filhos, netos, cônjuges), por conta das circunstâncias advindas de algumas realidades. Com isso, para esses mesmos autores, é perceptível “que além dos problemas fisiológicos decorrentes da idade, o idoso sofra com a violação dos seus direitos” (p. 3). No que concerne à garantia dos direitos dos idosos, é descrito pelo Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003):

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito

à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2003, p. 1).

Entretanto, alguns autores acreditam que mesmo com o intuito de assegurar tais direito, o Estatuto do Idoso acaba reforçando alguns dos estereótipos que acaba colocando o idoso como um fardo, dependente e incapaz, generalizando a realidade dos idosos, como conclui Minó e Mello (2021, p. 279): “essa descrição é demasiadamente pejorativa e generalizada para as pessoas que atingem idade acima dos 60-65 anos”. Cabe ressaltar ainda que o intuito aqui não é o de desmerecer o Estatuto do idoso, visto que esse constitui para os idosos a asseguuração dos seus direitos, principalmente para aqueles que passam por situações de desigualdade, abandono e violência.

Destarte, ao abordar o idoso em seu meio de convívio rodeado por diversidades, estereótipos e discriminações, é romper os paradigmas que existem em torno de suas capacidades, em específico pela aproximação com a morte, vinculada a finitude. A percepção e sentimento que envolve essa fase, se diferencia de pessoa para pessoa, mas algo notado durante esse processo, observado por Casagrande e D’Agostini (2015, p. 174), é que estar mais próximo da morte, em alguns casos, não acarreta tanta preocupação quanto ao de adoecer, se tornar dependente de alguém ou sentir dor no momento do morrer, “o idoso teme a dependência de outras pessoas, de sofrer ou se tornar inútil, tendo que passar seus últimos anos sob a assistência de familiares” (p. 174-175).

4 A GESTALT-TERAPIA E SUA IMPORTÂNCIA DENTRO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA COM IDOSOS ENLUTADOS PELA PERDA DO CÔNJUGE.

Como já visto, no decorrer deste trabalho, o idoso no momento específico do luto por viuvez passa pela necessidade de readaptação e reestruturação em sua vivência, e entre o decorrer da assimilação desse processo pode haver estagnação, o qual pode acarretar prejuízos e dificuldades para o enlutado ressignificar a dor. Esse processo não deve ser negado ou reprimido, assim exposto por Ceccon (2017, p. 885), ele deve se tornar manifesto; “sentir e passar por esse sofrer faz parte do início do processo de ressignificação da perda do ente querido” (CECCON, 2017, p. 885). No entanto, quando não há fluidez na elaboração, surge a necessidade do cuidado profissional. Apresenta-se aí a importância da busca pela terapia e, especificamente, a Gestalt-terapia, abordagem técnica-científica. “O processo terapêutico com base Gestáltica é utilizado como um suporte ao enlutado, que colabora para que o indivíduo possa ressignificar suas experiências e vivenciar o luto de forma saudável” (CECCON, 2017, p. 895).

A Gestalt-terapia refere-se a uma abordagem terapêutica da Psicologia, cujo principal teórico é Frederick Perls. De início, “é preciso reconhecer a colaboração de autores considerados fundadores da abordagem, que historicamente contribuíram para sistematizar e impulsionar a GT em seus primórdios” (SANTOS et al, 2020, p. 359). De acordo com Frazão (2013, *online*), o ano conhecido como ponto de início da Gestalt-terapia é 1951, ano em que Frederick Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline publicaram o livro “*Gestalt-therapy: excitement and growth in the human personality*”. A elaboração do livro se deu após as anotações de Perls, trazidas da África naquele período, e as conversas ocorridas entre o Grupo dos Sete, integrado por Isadore From, Paul Goodman, Paul Weisz, Sylvester Eastman, Elliot Shapiro, Fritz Perls e Laura Perls, sua esposa (FRAZÃO, 2013, *online*).

A contribuição de Laura Perls ganhou grande destaque dentro do histórico da Gestalt-terapia. Psiquiatra, neurologista, professora e psicoterapeuta, estudou com os existencialistas Kierkegaard e Heidegger, os fenomenólogos Husserl e Scheler, além de ter tido grande conhecimento acerca da Psicologia da Gestalt, por ter sido aluna de

Wertheimer, sem esquecer ainda seu trabalho com Kurt Goldstein, conhecido como o pai da Teoria Organísmica (SANTOS et al, 2020, p. 360).

Frazão (2013, online) explicita que após seu início a Gestalt-terapia ganhou proporção ao redor do mundo através de duas correntes, de certa forma: uma guiada por Fritz Perls, elucidada a partir dos seus *workshops*, levando a prática dessa abordagem ao mundo; e a outra com um prisma mais teórico e filosófico, guiado por Laura Perls, Isadore From e Paul Goodman, localizado em *New York*. Dessa forma, dentro dessa abordagem encontra-se algumas linhas de pensamentos e diversos conceitos. E preliminarmente para se falar de sua prática no âmbito terapêutico é necessário discorrer sobre tais linhas e conceitos.

4.1 GESTALT-TERAPIA E SEUS PRINCIPAIS CONCEITOS

O ser e fazer da Gestalt-terapia resulta de uma matriz teórica ampla e, apesar dessa afirmação, ela não se configura como advinda de uma salada de teorias, qual cada teoria tenha pouco ou nada a ver com a outra, mas é alicerçada através de campos teóricos já constituídos, cujas propriedades são semelhantes, mas que quando vinculados, exercem funções diferentes, não interferindo um no outro, mas direcionando para o desenvolvimento, o crescimento e a maturação (RIBEIRO, 2011, *online*).

Em suma, “o referencial teórico da abordagem gestáltica se integra a partir da contribuição de diversos conceitos advindos de diferentes correntes teóricas, entretanto, é a partir desse referencial que se ampara a prática clínica” (MARTINS; LIMA, 2014, p. 26). Em vista disso, como ponto de início para se detalhar um pouco sobre os principais conceitos que permeiam a prática do Gestalt-terapeuta, se faz necessário apontar suas bases epistemológicas.

“[...]o campo teórico, ou a matriz teórica, da Gestalt-terapia é composto de filosofias e teorias de base ou de bases teórica-filosóficas, assim constituído: (1) teorias de base: psicologia da Gestalt, teoria de campo, teoria organísmica holística, teoria holística, (2) filosofias de base: humanismo, fenomenologia, existencialismo, e, ainda, (3) antecedentes teóricos pessoais vividos por seu fundador e que, de um modo às vezes explícito, às vezes contido, outras vezes negado, estão presentes na Gestalt-terapia: psicanálise, teoria reichiana, tantra e zen budismo (RIBEIRO, 2011, *online*).”

É notório o extenso espaço teórico cuja determinadas linhas de pensamento possuem e acarretam para a Gestalt-terapia, por isso Ribeiro (2011, *online*), exemplificou em seu livro “*Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: Revisitando o caminho*”, formas de subdividi-las. Para esse autor, das teorias de base

(psicologia da Gestalt, teoria de campo, teoria organísmica holística, teoria holística) surge o conceito de mundo da Gestalt-terapia, justificada naquilo que ela é, e pelas filosofias de base (humanismo, fenomenologia, existencialismo), parte o conceito de pessoa, em como ela existe, desempenha e atua. Determinada visão mostra que as semelhanças entre as citadas teorias, a ligação, a analogia que é feita a partir e por elas, direciona um olhar novo que oferta a Gestalt clínica, “com conceitos como contato, ajustamento criativo, polaridade, autorregulação organísmica e outros” (RIBEIRO, 2011, online).

Gurgel (2020, p. 21) direciona a compressão da abordagem gestáltica ao entendimento de como é considerado por ela a existência humana. Nessa abordagem, o ser está sempre em relação campo/organismo/ambiente, não trata-se de perceber de maneira fechada, objetiva e calculada, mas olhar para o ser apoiado em sua totalidade, enquanto um ser biopsicossocial, “que se organiza mediante os acontecimentos no seu campo de atuação” (p. 21).

O campo não é, em amplo sentido, apenas um meio material, mas, colocado em fácil modo de entendimento, uma estrutura pela qual acontece o contato, influenciado pelas dimensões física, material, vital e humana existentes, ou seja, ele “envolve todas essas dimensões unidas em uma totalidade complexa, compondo nossa experiência perceptiva” (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2016, *online*). Dessa maneira, o modo como se estabelece o contato está relacionado ao campo, de maneira este que não se mantém imutável, mas que se restabelece de acordo com as situações que venham a surgir.

Para Perls (1981) citado por Martins e Lima (2014, p. 27), a percepção do sujeito não é dada de forma isolada, sem relação, mas se “organiza de uma forma mais significativa no processo perceptivo formando um todo de acordo com seu interesse e motivação”. Assim olhar o sujeito em seu campo organismo/ambiente é observar as várias situações que tomam forma modificando ou não seu campo. Essas várias situações, que emergem no campo do sujeito, ao se tornar o foco principal das suas energias, são chamadas de figuras, conceito utilizado juntamente com o conceito de fundo; partindo do princípio parte/todo. O fundo se exemplifica como as vivências, recordações, situações, entre outros, que não estão recebendo energia para emergir como foco, mas que compõe “um contexto para que o indivíduo possa perceber a

figura” (MARTINS; LIMA, p. 27). Ou seja, a relação entre figura e fundo se explica a partir de um dinamismo existente entre eles, como afirma Oliveira (2015, p. 53) ao citar os pensamentos de PHG (1951/1997): “há um dinamismo entre figura-fundo: a necessidade mais importante se torna figura e quando é satisfeita retorna para o fundo e abre espaço para que uma nova figura emergja, completando, assim uma Gestalt”. Entretanto, um ponto principal entre figura e fundo é que quando não há o fechamento da *Gestalten*, ocasiona para o indivíduo uma estagnação impossibilitando um fluxo entre as figuras e, conseqüentemente uma dificuldade em experienciar o aqui-agora e atualizar sua *Awareness*. Como ensina Gurgel (2020, p. 23):

Situações inacabadas e gestalts abertas caracterizam uma energia não totalmente descarregada, que necessita fluir mas não flui, ficando presa em pontos específicos da história do indivíduo. Dessa forma, a figura que não volta totalmente ao fundo passa a competir com as atuais, fazendo com que ele não consiga vivenciar plenamente o aqui e agora, uma vez que exige maior investimento de energia no controle das possibilidades do que numa ação presente (GURGEL, 2020, p. 23).

Aparecem então outros dois conceitos, aqui-agora e *awareness*; fundamentais na prática clínica gestáltica. O aqui-agora, para a Gestalt-terapia, trata-se de um campo temporal, aquilo que é vivido no tempo presente, figuras que se manifestam no agora, emergindo de um fundo indiferenciado, estabelecido por memórias do passado e por expectativas do futuro (SANTOS et al, 2020, p. 365). Silva, Dias e Alvim (2014, p. 163) afirmam que tal noção se baseia na concepção de temporalidade vinda da fenomenologia, “em que este se dá como um fluxo de várias vivências e modificações destas. Aquilo que se apresenta no momento presente se conecta a um horizonte de passado e futuro” (p.164). Ressaltando ainda que determinada definição não é dada de forma congelada, fixa, mas que segue em movimento, em razão de que a todo novo instante modificam-se as vivências, estando entre o passado e futuro, sempre em fluxo. Logo, se o indivíduo se torna presente no aqui-agora, ele consegue estar *aware*.

A palavra *awareness*, segundo Ribeiro (2006, p. 74), é de difícil tradução, por ser uma palavra estrangeira, a qual encontra-se significados que somente os nativos de fato podem dizer de certeza. Entretanto, para esse autor, o entendimento do que seja *awareness* se conclui em “consciência da própria consciência”, a consciência dada no aqui-agora. Cataldo (2013, p. 204) dirá também que a *awareness* acontece no aqui-e-agora, e acrescentará que está ligada diretamente na formação e dissolução de figuras, relativa a necessidade que emerge genuinamente, tornando-a existente

dada pelo contado, pela percepção do campo, resumindo-se em estar presente. Alvim (2014, p. 15) ressalta a *awareness* como fluxo contínuo da experiência, dado no presente, no campo, no aqui-agora, não trata-se de algo apresentado de modo reflexivo, até por que não haveria mais fluxo, e sim olhar por uma perspectiva que abarque o processo da consciência inserido no “complexo pessoa-mundo em um espaço-tempo presentes”. Por esse ângulo Costa (2014, p. 141) compreende que *continuum* da *awareness* acarreta para o indivíduo a aprendizagem de utilização da própria *awareness* independentemente da situação, favorecendo a autorregulação orgânica em seu campo experienciado.

A autorregulação orgânica parte da teoria Organísmica de Kurt Goldstein. Segundo Freitas (2016, p. 93), Goldstein distingue duas dimensões por meio dessa teoria. A primeira dimensão é voltada para os sistemas internos de compreensão fisiológica, a qual funciona organicamente; um todo que se inter-relaciona, estabelecendo um equilíbrio através da homeostase. E a segunda são os sistemas de contato, sensoriais e motores; obtenção, pelo organismo, relevante do meio para as necessidades vitais. Lima (2014, p. 88) coloca, ao comentar o pensamento de Goldstein, que o organismo é cheio de potencialidades capaz de lidar com o meio e sempre buscar uma autoatualização.

Comentando ainda esse teórico, Oliveira e Mendonça (2020, p. 12) dirá que em seu livro “*O Organismo*” Goldstein retrata a autorregulação como uma das particularidades do funcionamento do organismo, definindo a autorregulação orgânica como um meio pelo qual o organismo interage com o mundo, podendo se atualizar, sem desconsiderar a sua natureza e a respeitando. “Esse processo homeostático, no caso do ser humano, acontece com a busca de satisfazer suas necessidades, vontades e desejos” (GURGEL, 2020, p. 22). Entretanto, Lima (2014, p. 91), ao comentar a ideia de Perls, retrata que meio a esse processo o indivíduo pode experimentar alguma frustração, resultante ao impedimento da solução a sua necessidade emergente, podendo ainda não se manter paralisado diante disso, mas encontrar formas de se autorregular; a esse modo de encontrar outras formas de satisfação é dado o nome de ajustamento criativo.

O ajustamento criativo consiste na “capacidade de satisfazer às nossas necessidades de acordo, simultaneamente, com nossa hierarquia de necessidades e

com as possibilidades no campo organismo/meio” (FRAZÃO, 2015, *online*). De certo modo, trata-se da “qualidade”, da forma dinâmica de se chegar a fronteira do contato, de uma ação mediante ao que foi experienciado e uma resposta nova a necessidade não satisfeita, ofertando uma nova maneira de satisfação aquele momento (BERRI, 2020, p. 353).

De acordo com os conceitos já citados, torna-se essencial falar sobre o conceito de contato; um dos mais utilizados e considerado fundamental na prática clínica da Gestalt-terapia. Segundo Oliveira e Vieira (2015, p. 101) “a Gestalt-terapia é a terapia do contato”; o que o reforça como um dos conceitos principais dessa abordagem. Pelo contato é possível para o sujeito dar-se conta dele mesmo, do ambiente em que está inserido e dos processos relacionados a ele (PINTO, 2015, p. 50). O contato ocorre no campo, conceito já discutido aqui, na relação organismo ambiente, e nessa relação encontra-se o que se chama de fronteira de contato. Em outros termos, de acordo com Cataldo (2013, p. 203), ao descrever as palavras de Perls (1973), “o contato pode ser definido como *awareness* do campo ou resposta motora no campo; entendido como tipo de interação que se tem na fronteira num movimento de consciência (de) e ação (para)”.

Ribeiro (2006, p. 79), aborda que o “contato – sua profundidade ou consciência – é determinado pela relação de necessidade que o sujeito, sentindo-se no mundo, faz entre ele e o mundo. Sua essência não está nem lá nem cá, está no entre”. Dessa forma, o contato é o modo com o qual vivenciamos o campo na fronteira de contato, sendo saudável ou não. Quando ocorre repetições na forma como é estabelecido os contatos, e conseqüentemente há uma cristalização meio ao fluxo, se está utilizando bloqueios de contato, ou as chamadas descontinuações; termo de preferência para o autor Ênio Brito (2015, p. 53), por que o contato, em sua percepção, não deixa de existir, por conseguinte não há um bloqueio, e sim uma descontinuação, o ritmo fica quebrado e a plenitude é reduzida. Mas antes de falar sobre os tipos de descontinuações é relevante ressaltar que nem sempre se configura de forma exclusivamente disfuncional, “porque sendo a necessidade o que determina a qualidade do contato, o sujeito está, muitas vezes, apenas se auto-regulando, e não bloqueando uma necessidade emergente” (RIBEIRO, 2006, p. 79). Para Pinto (2015, p. 54-55):

Cada descontinuação pode se dar como uma defesa adequada às circunstâncias – ou, quando cristalizada ou repetidamente de amplitude desproporcional ao exigido pela situação, ser compreendida como defesa patológica. A qualidade da descontinuação sempre será avaliada levando-se em conta a situação e a história do cliente; o desejável é que, sempre que uma defesa seja requerida, ele utilize da descontinuação mais adequada para a situação, não necessariamente aquela na qual tem mais habilidade (PINTO, 2015, p. 54-55).

Para dar início a descrição das descontinuações cabe ressaltar quantas são, sendo elas: dessensibilização, deflexão, introjeção, projeção, proflexão, retroflexão, egotismo e confluência. A começar pela dessensibilização, Pinto (2015, p. 57) diz que essa descontinuação se trata de um processo em que há uma diminuição da percepção sensorial, o sujeito se esfria, com o intuito de descontinuar o contato que a princípio aparece como arriscado ou até mesmo perturbador. Ao colocar em termos mais simples, e indo para uma perspectiva terapêutica, o cliente expressa uma dificuldade em expor sentimentos, não chega ao contato com suas emoções. Na deflexão, Ming-Wau, Gonçalves e Lima (2019, p. 27) dirá que “se refere à evitação do contato com o ambiente e às outras pessoas”. Há uma fuga do contato, um exemplo no âmbito terapêutico o cliente pode mudar de assunto, ou até mesmo, ainda que se mantenha no contato, não ir a fundo, se mantendo de modo superficial.

A introjeção pode ser colocada facilmente como a forma pela qual o sujeito incorpora aquilo que o meio o oferece. De modo funcional, aquilo que é ofertado se assimila e segue um bom fluxo. De modo disfuncional não há o processo de assimilação e dissolução sobre aquilo que chega, ou seja, em exemplo o indivíduo engole por inteiro sem fazer o processo da digestão, tomando para si coisas que não são exatamente suas, sem atribuir qualquer tipo de crítica a respeito, sem distinguir o que é dele e o que é do outro (PINTO, 2015, p. 59).

Na projeção, como a pronuncia já diz, é algo que se projeta, é lançado. De acordo com Ming-Wau, Gonçalves e Lima (2019, p. 28) ao explicar (Perls, 1973\1988) “o organismo atribui ao meio e às outras pessoas as suas responsabilidades ou desejos”. Em sua forma patológica pode ocorrer de colocar sobre o outro algum desejo ou comportamento próprio introjetado. Já na proflexão Pinto (2015, p. 60) coloca que é a junção entre a projeção e a retroflexão, como uma energia voltada para fora; o indivíduo faz ao outro aquilo que ele gostaria que o outro fizesse a ele, o que de forma disfuncional acaba colocando a própria identidade em prol do outro.

Se na proflexão essa energia é voltada para fora na retroflexão ela se volta para dentro. Schillings (2014, p. 200) o coloca como o “movimento de conter a energia direcionada à ação no meio, visando ao reajustamento da emoção em curso para o fechamento da Gestalt”. Entretanto, esse movimento pode se tornar disfuncional quando o fluxo de energia voltado para si mesmo se repete com frequência, podendo ocasionar em depressão ou até automutilação (JOYCE, SILLS, 2016, p.159).

O egotismo trata-se da descontinuação “em que a pessoa prioriza a si mesma em relação ao meio, reconhecendo e satisfazendo suas necessidades. É a saída da retroflexão” (BANDEIRA *et al*, 2018, p. 99). Em sua forma funcional ela é apresentada como um autocontrole que fornece em situações novas uma hesitação, afim de que a entrega não seja precoce (SCHILLINGS, 2014, p. 200). Entretanto, ela desenvolve no indivíduo um eu tão controlado e autossuficiente que pode acarretar uma anulação em seu contato com os sentimentos e seu potencial transformador, ficando preso a sua própria autossatisfação (PINTO, 2015, p. 61). Por fim se tem a confluência, caracterizada, segundo Schillings (2014, p. 198), pela ausência de experiência de fronteira, quando não há diferenciação entre o organismo e o meio. Há a finalização da satisfação da necessidade, mas não se retira do ambiente, o que pode resultar na dificuldade de reconhecer as próprias características.

Após determinadas definições é necessário ressaltar o *Self*, conceito abordado pela Gestalt-terapia que se difere, por assim dizer, de outras concepções. Tavora (2014, p. 64) acorda que tal conceito tem sido utilizado na psicologia e na psicoterapia como o conceito geral a “si mesmo”, entretanto na Gestalt-terapia engloba uma concepção fenomenológica da subjetividade. Este mesmo autor, ao citar Wheeler, diz que “é o contato que produz o “si mesmo” e não o contrário, não havendo fora desse processo “si mesmo”” (p. 70). Portanto, o *self* em Gestalt-terapia é entendido como um processo, não estando no indivíduo, nem no meio, mas no campo, o colocando como um sistema de contatos, capaz de ser acionado a qualquer momento” (BANDEIRA *et al*, 2018, p. 97). Por fim, segue a compreensão de Cataldo (2013, p. 205):

[...] toda a teoria da Gestalt-terapia, sua prática clínica, e seu próprio objetivo são orientados a respeito do sistema self, considerando suas funções e dinâmicas. Um bom terapeuta deve, dessa forma, ajudar o cliente, muitas vezes perdido em angustia, a organizar e tomar responsabilidade das suas

escolhas, em outras palavras, ajudar o cliente a completar o ciclo de contato proporcionando satisfação e crescimento ao self (CATALDO, 2013, p. 205).

4.2 CONTRIBUIÇÕES DO GESTALT-TERAPEUTA NO TRATAMENTO A IDOSOS ENLUTADOS PELA PERDA DO CÔNJUGE.

O caminho percorrido nesse trabalho visou seu foco ao idoso enlutado pela perda do cônjuge, apontando a Gestalt-terapia como abordagem contribuinte e eficaz ao tratamento com esses clientes, citando ainda importantes contribuições da fenomenologia e do existencialismo. Entretanto foram encontrados poucos materiais com delimitação tão específica, tornando necessário citar as referências encontradas, ainda que com mais de dez anos de publicação, reportando também materiais mais atualizados. Com isso, esse sub - tópico acordará tais materiais afim de chegar ao objetivo.

Como já visto, a Gestalt-terapia trabalha com o ser sempre em relação, dada no campo, visando sempre o homem em sua totalidade. Sua prática utiliza-se dos conceitos de contato, campo, ajustamento criativo, autorregulação orgânica, *awareness*, *self*, entre outros. Fazendo uso dessa prática o processo terapêutico dessa abordagem propicia “um suporte ao enfrentamento do luto e situações de sofrimento e perdas que colabora para que o indivíduo possa ressignificar suas experiências e vivenciar o luto de forma saudável” (NASCIMENTO; ROCHA, 2020, p. 92166).

Segundo Ferreira, Leão e Andrade (2008, p. 155) por se tratar de uma abordagem com uma base filosófica fenomenológico-existencial, a relação terapêutica está sempre em diálogo, melhor dizendo, há uma troca de fala mútua onde um comunica ao outro suas perspectivas, afim de estarem inteiros no entre; por se tratar de uma terapia de contato. Nela, como afirma Freitas (2016, p. 97), “não imprime significados ao outro e trabalha basicamente na esfera do “entre”, isto é, é no “como” a relação se estabelece e se desenvolve que o trabalho terapêutico vai se construindo”. Esta relação consiste no respeito a história da existência do outro, não se aplica pré-julgamentos, e numa comunicação direta e genuína, o terapeuta oferta um suporte para que aquele cliente que está passando pelo processo da viuvez possa falar e contatar suas vivências (FERREIRA; LEÃO; ANDRADE, 2008, p. 155).

Ferreira, Leão e Andrade (2008) em seu estudo nomeado “Viuvez e Luto Sob a Luz da Gestalt-terapia: Experiências de Perdas e Ganhos”, visaram seu principal objetivo em abordar a experiência da pessoa enlutada pela morte do cônjuge e investigar os benefícios do acompanhamento da abordagem gestáltica nesse caso. A entrevista, semiaberta, ocorreu com uma mulher viúva idosa que estava em processo terapêutico pela abordagem gestáltica numa durabilidade de quase três anos, em que foram feitas as seguintes perguntas: “1) Como foi a vivência do seu casamento? 2) Quais as experiências vividas com a viuvez? (Positivas e negativas) 3) Em que momento buscou a psicoterapia? 4) Como a psicoterapia auxiliou nas experiências advindas da morte do cônjuge?” (p. 155).

Em resposta às perguntas feitas foi observado que com a morte do cônjuge a entrevistada teve modificações significativas em seu campo existencial, acarretando em: dificuldade para ajustar-se à perda do marido; pesar e sintomas depressivo; alterações na saúde; sintomas psicossomáticos; necessidade de assumir novos papéis e responsabilidades confiança em sua própria (FERREIRA; LEÃO; ANDRADE, 2008, p. 156-157). Um ponto de destaque no estudo desses autores foi a importância da rede de apoio (familiares, amigos, pessoas próximas), tanto pela ajuda e presença em transparecer para o enlutado que ele não está sozinho, quanto, no caso em questão, pelo incentivo a busca da psicoterapia. Na concepção de Ceccon (2017, p. 886) “as pessoas nesses momentos querem e precisam ser apoiadas, acolhidas, pois a dor compartilhada pode ser trabalhada e adquirir novos significados. Dar voz ao enlutado é uma demonstração de respeito, solidariedade com a sua dor.”

No último ponto retratado na entrevista, Ferreira, Leão e Andrade (2008, p. 158) observou a relação dialógica vivenciada na psicoterapia, que possibilitou para o cônjuge sobrevivente o alcance a resignificação das suas experiências. A importância do acolhimento, cuidado, suporte, no âmbito terapêutico é essencial, nele se viabiliza um lugar para resignificações necessárias, e a Gestalt-terapia tem disso em sua prática, visto o seu aspecto dialógico.

O psicoterapeuta se envolve, através do diálogo, se incluindo como pessoa participante da relação. A postura não-diretiva do psicoterapeuta respeita o cliente como pessoa capaz de descobrir por ele mesmo suas possibilidades. A Gestalt-terapia é uma abordagem do cuidado, na qual o ritmo do cliente é respeitado. Não é necessário impelir o cliente. Através de uma relação dialógica as potencialidades serão atualizadas (OLIVEIRA; VIEIRA, 2015, p. 103).

Destarte, tal relação psicoterápica, ancorada na Gestalt-terapia, é ofertada no contato. O terapeuta acolhe a existência do cliente, o auxiliando em direção a atualização da sua *awareness*, com o intuito do cliente experienciar sua liberdade e, conseqüentemente, sua responsabilidade existencial, como acorda Freitas (2016, p. 98). “Começa então um contato genuíno e se instala a mutualidade e, neste momento, o cliente estará pronto para fechar esta relação e abrir outras no constante fluir de seu ser no mundo” (p. 98). Nessa mesma concepção Bianchi e Camps (2020, p. 223) dirá que fortalecer recursos autossuportivos e ampliar a *awareness* de si mesmo são manejos fundamentais no tratamento a clientes enlutados. O que possibilita para esses clientes passar pela confusão, dor e desorganização nesse momento e conseguir visualizar novas formas de viver, em um processo de autorregulação orgânica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O tema aqui trabalhado se propôs a investigar mais sobre o processo do luto mediante a perda do cônjuge em clientes idosos e destacar o cuidado e acolhimento que a Gestalt-terapia oferta a esses clientes. É perceptível que os idosos tendem a serem vistos como dependentes e/ou incapazes, passando por desvalorização social e podem estar, muitas vezes, aos cuidados de outras pessoas (BARROS et al, 2021). É imposto, culturalmente, formas de agir, se vestir e falar. Tais discriminações causam limitações na vida dos indivíduos, que são impostas pela sociedade (SANTOS et al, 2020). Ao falar da morte, meio a essa fase, não é diferente, uma vez que, pela idade, logo é relacionado a proximidade entre um e outro, sobretudo quando ocorre com alguém próximo, pertencente ao meio de convívio do sujeito.

O processo do luto sob a ótica da Gestalt-terapia em clientes idosos que passaram pela perda do cônjuge se desenvolveu, aqui, através do ponto de vista fenomenológico-existencial, mostrando que “existencialmente o luto é descrito como uma vivência típica em situações de transformação e mudança abrupta nas formas de se dar do ser em uma relação eu-tu” (FREITAS, 2013). É na perda do tu, na relação eu-tu, que o indivíduo experiencia o impacto da morte, a partir da quebra dos planos presentes.

O objetivo geral definido e colocado como: compreender a importância da abordagem da Gestalt-terapia, dentro âmbito terapêutico, no cuidado e acolhimento ao idoso enlutado pela perda do cônjuge, foi alcançado. Por ele pode-se chegar ao desenvolvimento desse estudo com objetividade, visto que ao abordar como delimitação a abordagem da Gestalt-terapia, apresentou-se apanhado teórico-científico, ao passo que trata-se de uma área voltada a trabalhar com a vivência do sujeito experienciada no agora, tomando como objetivo tornar o indivíduo consciente daquilo que está fazendo, guiando no processo de transformação, aprendizagem e aceitação (BARROCAS; LIMA; SALES, 2019).

Os objetivos específicos foram: descrever o luto na velhice pela perspectiva da fenomenologia e pelo existencialismo; identificar o processo de elaboração do luto na perda do cônjuge em clientes idosos; e, por fim, analisar a importância da Gestalt-terapia na relação terapêutica com idosos que sofreram a perda do cônjuge. Eles

foram tratados respectivamente nos capítulos: 2 - idoso enlutado pelo olhar da fenomenologia e do existencialismo; 3 - elaboração do luto: viuvez na velhice; e 4 - a Gestalt-terapia e sua importância dentro da relação terapêutica com idosos enlutados pela perda do cônjuge.

No capítulo “Idoso enlutado pelo olhar da fenomenologia e do existencialismo” se conclui que o idoso em processo de luto ao lidar com a perda de alguém próximo se percebe enquanto ser finito no mundo, além de buscar nova configuração de sua existência com a ausência do outro. Tal conclusão foi possível partindo dos estudos dos teóricos Martin Heidegger, filósofo existencial, e Merleau-Ponty, filósofo fenomenólogo. Heidegger dispõe o homem como um ser angustiado por estar diante da possibilidade do morrer, por ser um ser-para-a-morte. A medida que a pessoa vive ela se confronta com a morte do outro e com a possibilidade da própria morte, para o idoso, por ser considerado mais próximo da morte, acontece da mesma forma, proporcionando para ele um novo sentido de sua própria existência, em ser-finito no mundo. Já Merleau-Ponty dispõe o homem em seu ser perceptivo com o outro e com o mundo; o homem existe a medida em que percebe. O idoso enlutado, enquanto ser perceptivo, sofre pela ausência do outro surgindo a necessidade de ressignificação.

No capítulo “Elaboração do luto: viuvez na velhice” é possível concluir que o processo do luto é determinado pela história de vida, vínculo afetivo, como também pelo contexto ambiental e cultural que a pessoa enlutada vive. Na viuvez do idoso um dos pontos mais fortes é justamente o compartilhamento da história de vida com o cônjuge que morreu e a qualidade do vínculo afetivo criado, acrescentando ainda em sua vivência os paradigmas existentes no envelhecimento. O que torna o processo de luto diferenciado nessa etapa do desenvolvimento humano, pois o idoso além de retornar a rotina sem a pessoa que sempre esteve ali, sofrendo com o processo de adaptação sem ela, ele também segue lidando com as mudanças e perdas do funcionamento corporal, além dos paradigmas que permeiam esses indivíduos.

Ainda, afim de melhor definir o processo do se encontrou no campo do estudo ao enlutado importantes contribuições: Elizabeth Kubler-Ross pela definição dos cinco estágios do luto, sendo eles: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação; os estudos John Bowlby, teórico que desenvolveu a teoria do apego e que caracterizou o processo do luto pela: fase do entorpecimento, fase da saudade e da procura da

pessoa falecida, fase da desorganização e desespero e fase da reorganização; e as tarefas de J. William Worden. Tais estudos amparam e forneceram a esse trabalho uma contribuição enriquecedora, ao demonstrar a singularidade existente para cada indivíduo ao lidar com o processo da morte e do morrer.

No último capítulo de desenvolvimento as conclusões que se extraem é que em meio ao processo de luto pela perda do cônjuge na velhice, a abordagem da Gestalt-terapia oferta um tratamento funcional, respaldada pela sua matriz teórica, em específico pelo seu enfoque fenomenológico-existencial, considerando o indivíduo em sua totalidade, o acolhendo sem pré-julgamentos, no aqui-e-agora, dando suporte ao enlutado, o guiando para atualização do sua *awareness*, e fazendo o uso da prática dialógica afim de alcançar um bom contato com o cliente.

Portanto, para o cliente enlutado que sofre a perda do cônjuge, se faz necessário o cuidado e acolhimento, para que em meio as adversidades que permeiam seu campo ele consiga contatar sua vivência da melhor maneira possível, para isso a psicoterapia exerce a função de um lugar eficaz, e com esse estudo foi possível constatar a Gestalt-terapia como abordagem contribuinte no tratamento a esses clientes, pela sua abordagem diretiva e acolhedora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Isabel Alexandra Lourenço de. **Luto patológico, ansiedade perante a morte e variáveis sociodemográficas, sua relação com a sintomatologia depressiva em adultos mais velhos**. 2015. Tese (Mestrado) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/23048>. Acesso em: 20 abri. 2022.

ALVARENGA, Rayanne Evann Amorim. **Questões do humano em sua finitude: uma perspectiva fenomenológica existencial**. 2018. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/12775>. Acesso em: 29 mar. 2022.

ALVARENGA, Rodrigo et al. **Alteridade e fenomenologia das psicoses: outrem em Merleau-Ponty e Binswanger**. 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de PósGraduação em Filosofia, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/174297>. Acesso em: 11 mar. 2022.

ALVES, Raisa Rodrigues; DA ROCHA, Fátima Niemeyer. **De coração partido: a obscuridade e a clareza da vivência do luto**. Revista Mosaico, v. 10, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rm.v10i1.1707>. Acesso em: 2 abri. 2022.

ALVIM, Mônica Botelho. Awareness: experiência e saber da experiência. *in*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e práticas - Conceitos Fundamentais**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014.

A VELHICE para além da idade. [S. l.; s. n.]. 2020. 1 vídeo (16 min). Publicado pelo canal Gestalt Paraná. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=naEAWvPCELM>. Acesso em 07 abri. 2022.

AZEVEDO, Ana Karina Silva; PEREIRA, Maria Aldeci. **O luto na clínica psicológica: um olhar fenomenológico**. Clínica & Cultura v.II, n.II, p. 54-67, jul-dez 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/1546>. Acesso em: 07 dez. 2021.

BANDEIRA, Célia Cristina de Albuquerque et al. **Relação entre sistema self e camadas de neurose em Gestalt-terapia**. Rev. NUFEN, Belém, v. 10, n. 2, p. 91-107, ago. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912018000200007&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 05 jun. 2022.

BARROS, Jackeline Oliveira; SOUZA, Lediomara Francisca de; FITARONI, Juliana Batista. **O Processo de Luto na Velhice Após a Perda Do Cônjuge**. TCCPsicologia, 2021. Disponível em:

<http://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/938>. Acesso: 25 nov. 2021.

BELLO, Angela Ales. **Introdução à fenomenologia**. Tradução Ir. Jacinta Trolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

BERRI, Bruna. **A esperança como ajustamento criativo: Reflexões dos processos de saúde, doença e morte em Gestalt Terapia**. Rev. abordagem Gestalt. Goiânia, v. 26, n. 3, p. 351-360, dez. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672020000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 maio 2022.

BIANCHI, Daniela Pupo Barbosa; CAMPS, Patrícia Barrachina. Luto e enfrentamento na contemporaneidade. In: MARRAS, Margaret [org.]. **Angústias contemporâneas em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2020.

BLASCZAK, Aline Dall Igna. **Corporeidade e subjetividade na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty**. 2016. Monografia - Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim, Erechim-RS, 2016. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/877>. Acesso: 11 maio 2022.

BOTH, T. L., ALVES, A. da R.; PEREIRA, C.; TEIXEIRA, T. Pinto. **Uma abordagem sobre luto e viuvez na mulher idosa**. Revista Brasileira De Ciências Do Envelhecimento Humano, 9(sup.1). 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.2788>. Acesso em: 02 maio 2022.

BRASIL, Lei nº 10.741/2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília: DF, outubro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 25 maio 2022.

CARDOSO, Claudia Lins. A face existencial da Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima [org.]. **Coleção Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas [recurso eletrônico]**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2013.

CASAGRANDE, S. Luciano; D'AGOSTINI, C. L. Figueiredo. **Percepção da Morte na Visão do Idoso**. Pesquisa em Psicologia - anais eletrônicos, [S. l.], 2015. Disponível em: https://unoesc.emnuvens.com.br/pp_ae/article/view/87. Acesso em: 15 mar. 2022.

CATALDO, Ulisses Heckmaier de Paula. **Gestalt-terapia: fenomenologia na prática clínica**. Revista IGT na Rede, v. 10, nº 18, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180725262013000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 maio. 2022.

CECCON, Neila Jucilene. **A Morte e o Luto na Perspectiva da Psicologia Humanista**. Anais do EVINCI – UniBrasil, Curitiba, v.3, n.2, p. 883-899, out. 2017. Disponível em:

<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisevinci/article/view/3181>. Acesso em: 20 abril 2022.

CAVALCANTI, Matheus Brochardt. **Luto na terceira idade: uma discussão sobre dificuldades, família e atuação do psicólogo**. Revista Eletrônica da Estácio Recife, v. 7, n. 2, 2022. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/611>. Acesso em: 18 mar. 2022.

COSTA, Virginia Elizabeth Suassuna Martins. Temporalidade: aqui e agora. *in*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e práticas - Conceitos Fundamentais**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014

DIAS, Pablo Raphael Ribeiro; OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletherio de. **Psicologia Hospitalar e o Cuidado Enquanto Ser Para A Morte: Diálogos Entre KublerRoss e Heidegger**. Revista eletrônica, Estácio Recife, v. 5, n. 1 - Julho, 2019. Disponível em: [https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/download/224/102#:~:text=Segundo%20Kubler%20Ross%20\(1996%2C,de%20si%20diante%20da%20morte](https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/download/224/102#:~:text=Segundo%20Kubler%20Ross%20(1996%2C,de%20si%20diante%20da%20morte). Acesso em: 03 maio 2022.

DOMINGO, Elisabete Frigeri; PANTE, Marina. **Podcast: Vamos falar sobre luto?**. Boletim Entre SIS, v. 6, n. 2, p. 103-111, 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/boletimsis/article/view/21966>. Acesso em: 27 abri. 2022.

EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. **Psicologia fenomenológica existencial: a prática psicológica à luz de Heidegger**. Curitiba: Juruá Editora, 2016.

FARINASSO, A. L. da C.; LABATE, R. C. **Luto, religiosidade e espiritualidade: um estudo clínico-qualitativo com viúvas idosas**. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 14, n. 3, p. 588–95, 2012. DOI: 10.5216/ree.v14i3.14453. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/14453>. Acesso em: 13 abri. 2022.

FERREIRA, Livia Cardoso; LEAO, Nara Cristina; ANDRADE, Celana Cardoso. **Viuvez e luto sob a luz da Gestalt-terapia: experiências de perdas e ganhos**. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 14, n. 2, p. 153-160, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18096867200800020002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 out. 2021.

FRAZÃO, Lilian Meyer. Um pouco da história... um pouco dos bastidores. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima [org.]. **Coleção Gestaltterapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas [recurso eletrônico]**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2013.

FRAZÃO, Lilian Meyer. Compreensão clínica em Gestalt-terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima [org.]. **Coleção Gestaltterapia: A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em gestalt-terapia [recurso eletrônico]**. São Paulo: Summus, 2015.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia [recurso eletrônico]**. São Paulo: Summus, 2016.

FREITAS, Joanneliese De Lucas. **Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva**. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/7XBPBJQ4PLgrXc9pTyCDSTw/abstract/?lang=pt>. Acesso: 07 dez. 2021.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. **Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica**. Psicologia USP, v. 29, p. 50-57, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/7XBPBJQ4PLgrXc9pTyCDSTw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 dez. 2021.

FREITAS, Joanneliese Lucas de; MICHEL, Luís Henrique Fuck. **A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica**. Psicologia em Estudo [online]. v. 19, n. 2, pp. 273-283, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-737222324010>. Acesso em: 09 abri. 2022.

FREITAS, Julia Rezende Chaves Bittencourt de. **A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica**. IGT rede, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 85-104, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18072526201600010006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 abril. 2022.

GALICIONI, Thaisa Gapski Pereira; DE LIMA LOPES, Ewellyne Suely; RABELO, Dóris Firmino. **Superando a viuvez na velhice: o uso de estratégias de enfrentamento**. Revista Kairós-Gerontologia, v. 15, p. 225-237, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17048>. Acesso em: 24 maio 2022.

GONÇALVES, Thiago Sitoni et al. **Perder e reexistir: o ser idoso enlutado diante da perda amorosa à luz da fenomenologia existencial sartreana e das memórias de Simone de Beauvoir**. Revista Kairós-Gerontologia, v. 23, n. 2, p. 643-665, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/54164>. Acesso em: 9 mar. 2022.

GOTO, Tommy Akira; HOLANDA, Adriano Furtado; COSTA, Ilmo Izidio da. **Fenomenologia transcendental e a psicologia fenomenológica de Edmund Husserl**. Rev. NUFEN, Belém, v. 10, n. 3, p. 38-54, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912018000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 9 mar. 2022.

GREY'S anatomy. Criação de Shonda Rhimes e Krista Vernoff. Direção: Debbie Allen, Krista Vernoff, Kevin McKidd, Chandra Wilson, Allison Liddi-Brown, Jann Turner, Cecilie A. Mosli, Jesse Williams, Pete Chatmon, Sydney Freeland, Bill D'Elia, Jeannot Szwarc. Produção: Debbie Allen, Tammy Ann Casper, Ellen Pompeo, Mark Gordon (II), Allan Heinberg, Betsy Beers, Rob Corn, Ann Kindberg, Tony Phelan, Joan Rater, James D. Parriott, Gabrielle Stanton, Harry Werksman Jr, Peter Horton, Mimi Schmir, Linda Klein, Mark Foreman. Estados Unidos; *Shondaland Productions, The Mark Gordon Company, Touchstone television, ABC Studios*. 2005. Série exibida pela Amazon Prime Vídeo. Acesso em: 10 mar. 2022.

GURGEL, Kamilla Nívea de Lima Gomes. **Relato de experiência de uma estagiária em prática clínica sob a visão da Gestalt terapia**. 2020. 45f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário Fametro, Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://repositorio.fametro.com.br/jspui/handle/123456789/442>. Acesso em: 29 maio 2022.

JOYCE, Phil. SILLS, Charlotte. **Técnicas em Gestalt: Aconselhamento e psicoterapia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

KREUZ, Giovana; FRANCO, Maria Helena Pereira. **O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento - Revisão Sistemática de Literatura**. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 69, n. 2, p. 168-186, 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672017000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 12 mar. 2022.

LARA, Wagner Alexandre; FERREIRA, Ismael. **A morte como fim do projeto de ser: um estudo dos últimos anos de Sartre**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v.53, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/21784582.2019.e58214>. Acesso em: 29 mar. 2022.

LIMA; Antonio Balbino Marçal. **Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. – Ilhéus, BA: Editus, 2014.

LIMA, Patricia Valle de Albuquerque. Autorregulação orgânica e homeostase. in: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e práticas - Conceitos Fundamentais**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014

LUNA, Ivânia Jann. **Construindo histórias e sentidos sobre uma perda familiar na vida adulta**. Psicologia USP, v. 31, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psp/a/pGmVXrYbKJWDGFFxsrg5mmk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 nov. 2021.

LUZ, Rodrigo; BASTOS, Daniela Freitas. **Experiências contemporâneas sobre a morte e o morrer: O legado de Elisabeth Kübler-Ross para os nossos dias [recurso eletrônico]**. Summus Editorial, 2019.

MARQUES, Joana Filipa Pedro. **Luto patológico: revisão baseada na melhor evidência**. 2018. Trabalho Final do Curso de Mestrado Integrado em Medicina, Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/42230>. Acesso em: 17 mar. 2022.

MARTINS, Marize; LIMA, Patricia Valle de Albuquerque. **Contribuições da Gestaltterapia no enfrentamento das perdas e da morte**. IGT rede, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, p. 01-39, 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180725262014000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 09 dez. 2021.

MENEZES, Tânia Maria de Oliva; LOPES, Regina Lúcia Mendonça. **Significados do vivido pela pessoa idosa longeva no processo de morte/morrer e luto**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2014, v. 19, n. 08, pp. 3309-3316. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014198.05462013>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014198.05462013>. Acesso em: 13 abri. 2022

MICHEL, Luís Henrique Fuck; FREITAS, Joanneliese de Lucas. **A clínica do luto e seus critérios diagnósticos: possíveis contribuições de Tatossian**. Psicologia USP, v. 30, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180185>. Acesso em: 07 dez. 2021.

MING-WAU, Carlos; GONÇALVES, Yadja do Nascimento; LIMA, Deyseane Maria Araújo. **A clínica gestáltica sob a ótica do psicoterapeuta iniciante**. Rev. NUFEN, Belém, v. 11, n. 1, p. 22-38, abr. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912019000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 maio 2022.

MINÓ, N. M.; MELLO, R. M. A. V. DE. **Representação da velhice: reflexões sobre estereótipo, preconceito e estigmatização dos idosos**. Oikos: Família e Sociedade em Debate, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 273–298, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/9889>. Acesso em: 19 mar. 2022.

NASCIMENTO, D CESAR DO; MEIRELLES NASSER, G.; ANTONIO DE AMISSIS AMORIM, C.; HONÓRIO PORTO, T. **Luto: uma perspectiva da terapia analíticocomportamental**. Psicologia Argumento, [S. l.], v. 33, n. 83, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19593>. Acesso em: 18 maio. 2022.

NASCIMENTO, Nara Gorete do; ROCHA, Marcos Aurélio. **Algumas contribuições da psicologia nas estratégias de enfrentamento da perda e morte**. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 11, p. 92156-92170, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/20500>. Acesso em: 10 dez. 2021.

NETTO, José Valdecí Grigoletto. **As Fases do Luto de Acordo com Elisabeth Kübler-Ross**. IX EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar. n. 9, p. 4-8. 2015. Disponível em: <http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/2856>. Acesso em: 16 mar. 2022.

NUCCI, Nely Aparecida Guernelli. Educar para a morte: cuidar da vida. *In*: FUKUMITSU, Karina Okajima [org.]. **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. São Paulo: Summus, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde – Resumo**, 2015. Disponível em:

<<https://sbgg.org.br/wpcontent/uploads/2015/10/OMSENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2022.

OLIVEIRA, Jeane Franco de; VIEIRA, Érico Douglas. **Reflexões sobre a relação terapêutica: perspectivas da gestal-terapia e do psicodrama**. Revista IGT na Rede, v. 12, nº 22, 2015. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v12n22/v12n22a06.pdf>. Acesso em: 2 abri. 2022.

OLIVEIRA, Letícia Menezes de; *et al.* **Solidão na senescência e sua relação com sintomas depressivos: revisão integrativa**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia [online]. v. 22, n. 06, 2019. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/1981-22562019022.190241>>. Acesso em: 15 abri. 2022.

OLIVEIRA, Marcella Albo de. **A experiência das psicoses: um olhar teóricoclínico da Gestalt-Terapia**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/22015>. Acesso em: 20 maio 2022.

OLIVEIRA, Maria do Perpétuo Socorro Guimarães de; SOUZA, Júlio César Pinto de. **O luto na velhice: Estudo sobre como os idosos superam este evento**. *In*: SOUZA, Julio Cesar Pinto de; CAVALCANTE, Diego Rafael Cunha; FIGUEIREDO Suelânia Cristina Gonzaga de [org.]. **A Saúde Mental do Amazônida em Discussão**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Poisson, 2020.

OLIVEIRA, Geísa Marques de Sousa; MENDONÇA, Marisete Malaguth. **Perda e conquista da própria autoria existencial: estudo de caso na Gestalt-Terapia**. TCC (Pós graduação). 2020. Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia – ITGT, Goiânia - GO. 2020. Disponível em:

https://itgt.com.br/wpcontent/uploads/2020/06/TCC_Ge%C3%ADsa-Marques-Caetano_Gr32.pdf. Acesso: 06 mar. 2022.

PINTO, Ênio Brito. **Elementos para uma compreensão diagnóstica em psicoterapia: O ciclo de contato e os modos de ser**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2015.

PORTO, Maria Veralúcia Pessoa; JUNIOR, José Alves Paiva. **A Morte e o Nada, o Nada e a Morte: Uma Reflexão Sobre a Finitude Humana em Epicuro e Sartre**. *In*: III Colóquio Internacional Estética e Existência - João Pessoa, Paraíba. Brasil, 2018. Disponível em:

<https://www.doity.com.br/anais/esteticaeexistencia/trabalho/75916>. Acesso em: 17 mar. 2022.

QUINTAS, Josélia. **Morte e luto: um estudo sobre a existência em sofrimento e as possibilidades de atuação clínica**. Revista FAFIRE, Recife, v. 9, n. 1, p. 101111, jan./jun. 2016. Disponível em: https://publicacoes.fafire.br/diretorio/revistaFafire/revistaFafire_v09n01_a08.pdf. Acesso em: 02 dez. 2021.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. **O processo de luto**. Revista Psicologia, v. 12, n. 1, p. 13-24, 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 16 maio 2022.

REHFELD, Ari. Fenomenologia e Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima [org.]. **Coleção Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas [recurso eletrônico]**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2013.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução de Caesar Souza. – Edição digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos**. São Paulo: Summus, 2006.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revisitando o caminho [recurso eletrônico]**. Summus Editorial, 2011. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=uZCXCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=gestalt+terapia+humanismo&ots=jQwQ0hJAKP&sig=GrXSRFBknh8CJEln4xkdZQdZ1vc>. Acesso em: 13 nov. 2021.

RODRIGUES, Marlene Cerqueira. **Competências profissionais e experiências pessoais dos psicólogos no acompanhamento do processo de luto**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/27656>. Acesso em: 23 nov 2021.

SALMAZO-SILVA, H., *et al.* **As Representações da Morte e do Luto no Ciclo de Vida**. Revista Temática Kairós Gerontologia, 15(4), pp. 185-206, “Finitude/Morte e Velhice”. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176901X.2012v15iEspecial12p185-206>. Acesso em: 04 maio 2022.

SANTOS, Francielle Rodrigues dos; SOUZA, Luana Lorrane Marques de; ENETÉRIO, Núbia Gonçalves da Paixão. **Influências do luto no processo de aprendizagem**. 2020. TCC - Centro Universitário De Anápolis – UNIEVANGÉLICA, Anápolis, Goiás, 2020. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/17349>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SANTOS, Keila Andréia Araújo Costas dos. **Sentidos em Gestalt-terapia [recurso eletrônico]: novas vozes, outros olhares** / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilly Souza do Vale. Capítulo 6, página 70. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/LazaroNascimento-2/publication/345099822_Sentidos_em_Gestaltterapia_novas_vozes_outros_olhares

/links/5fd96d9192851c13fe8c1bb8/Sentidosem-Gestalt-terapia-novas-vozes-outros-olhares.pdf#page=82. Acesso em: 02 nov 2021.

SANTOS, Ludmila de Paula Nunes dos. HORÁCIO, Fernanda Cristina Alves. **O enfrentamento do luto na velhice diante da perda do cônjuge no âmbito familiar**. Trabalho de Curso apresentado ao Centro Superior UNA de Catalão – UNACAT, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/17239>. Acesso: 25 nov. 2021.

SANTOS, Manoel Antônio dos et al. **Psicoterapia de abordagem gestáltica: um olhar reflexivo para o modelo terapêutico**. Psicol. clin., Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 357-386, ago. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652020000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 nov. 2021.

SANTOS, N. K. B. dos. **MERLEAU-PONTY E A PSICOLOGIA: considerações sobre a intersubjetividade**. Fenomenologia e Psicologia, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 4–18, 2014. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/fenomenolpsicol/article/view/2141>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SANTOS, Patrícia Pollyanna Lysike. **A contribuição da psicologia fenomenológica existencial no enfrentamento da morte**. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Psicologia. Centro Universitário Luterano de Palmas, 2017. Disponível em: <https://ulbrato.br/bibliotecadigital/uploads/document5e1e11252307c.pdf>. Acesso: 05 abri. 2022.

SANTOS, Renato dos. **A tensão necessária: notas sobre a relação entre o Eu e o outro em Hegel e em Merleau-Ponty**. Prometheus-Journal of Philosophy, v. 10, n. 22, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.52052/issn.2176-5960.pro.v10i22.5369>. Acesso em: 13 maio 2022.

SASSI, Franciele. **Possíveis contribuições do aconselhamento psicológico desenvolvido durante o ritual fúnebre aos enlutados**. Revista de Psicologia, 2014. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0377.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SCHILLINGS, Angela. Concepção de neurose em Gestalt-terapia. in: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e práticas - Conceitos Fundamentais**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014

SILVA, Kelly Gonçalves da; DIAS, Clara Castilhos Barcelos; ALVIM, Mônica Botelho. **Sobre os escritos do terapeuta na clínica da Gestalt-terapia**. Revista IGT na Rede, v.11, nº 20, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180725262014000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 maio 2022.

SILVA, Maria das Dores Ferreira da; FERREIRA-ALVES, José. **O luto em adultos idosos: natureza do desafio individual e das variáveis contextuais em diferentes modelos**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 25, p. 588-595, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/3tSjhYY3jWbg7BHGBkMwdSr/?lang=pt>. Acesso em: 03 nov. 2021.

SOUSA, Luiza Eridan Elmiro Martins de – **O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação**. *Revista IGT na Rede*, v. 13, nº 25, 2016. p. 253 – 272. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 25 out. 2021.

TÁVORA, Claudia Baptista. Self e suas funções. *in*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e práticas - Conceitos Fundamentais**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014.

TEODÓSIO, Ana Isabel Silveira. **Luto na terceira idade após viuvez**. Tese (Doutorado) . 2013. Universidade da Beira Interior, Portugal, 2013. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/d8baffcb954fdf226cf812e1c2d403cf/1?pqorigs=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em 10 out. 2022.

VIVA – A Vida É uma Festa. Produção: Darla K. Anderson, John Lasseter. Direção: Lee Unkrich, Adrian Molina. Estados Unidos; *Pixar Animation Studios, Walt Disney Pictures*. 2017. Online Netflix (105 min).

VENTURINI, Laís Angélica. **Psicologia do envelhecimento: perdas e luto**. TCC (Graduação). 2015. Universidade Regional do Noroeste, Santa Rosa, Rio Grande Do Sul. 2015. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/3303>. 02 mar. 2022.

WANDAVISION. Criação de Jac Schaeffer. Produção: Jac Schaeffer, Kevin Feige, Louis D'Esposito, Victoria Alonso, Matt Shakman. Direção: Matt Shakman. Estados Unidos; Marvel Studios. 2021. Série exibida pela Disney+. Acesso: 5 jun. 2022.

WORDEN, J. William. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: Um Manual para Profissionais da Saúde Mental [recurso eletrônico]**. 4º Edição. [tradução Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi, Susie Smidt]. - São Paulo: Roca, 2013.